

COLOSSENSES

ÍNDICE

COLOSSIANS

WILLIAM BARCLAY
Título original em inglês:
The Letter to the Colossians

Tradução: Carlos Biagini

O NOVO TESTAMENTO Comentado por William Barclay

... Introduce e interpreta a totalidade dos livros do NOVO TESTAMENTO. Desde Mateus até o Apocalipse William Barclay explica, relaciona, dá exemplos, ilustra e aplica cada passagem, sendo sempre fiel e claro, singelo e profundo. Temos nesta série, por fim, um instrumento ideal para todos aqueles que desejem conhecer melhor as Escrituras. O respeito do autor para a Revelação Bíblica, sua sólida fundamentação, na doutrina tradicional e sempre nova da igreja, sua incrível capacidade para aplicar ao dia de hoje a mensagem, fazem que esta coleção ofereça a todos como uma magnífica promessa.

**PARA QUE CONHEÇAMOS MELHOR A CRISTO
O AMEMOS COM AMOR MAIS VERDADEIRO
E O SIGAMOS COM MAIOR EMPENHO**

ÍNDICE**Prefácio****Introdução Geral****Introdução Geral às Cartas Paulinas****Introdução à Carta aos Colossenses****Capítulo 1****Capítulo 2****Capítulo 3****Capítulo 4****PREFÁCIO A FILIPENSES, COLOSSENSES,
1 E 2 TESSALONICENSES**

Novamente queria agradecer ao Comitê de Publicações da Igreja de Escócia e especialmente a seu secretário e diretor o Rev. Andrew M'Cosh, M.A., S.T.M. e seu coordenador o Rev. W. M. Campbell, B.D., Ph.D., D. Litt, em primeiro lugar por me permitir escrever estes volumes de Estudos Bíblicos Diários, e em segundo termo porque agora farei a reimpressão como nova edição.

Este volume contém notas das Epístolas de Paulo aos Filipenses, Colossenses e Tessalonicenses. Cada uma destas Cartas tem sua própria e especial importância.

A Epístola aos Filipenses foi chamada "a Epístola dos ensinamentos excelentes". Não é uma Carta difícil de entender e para muitos é a Carta mais encantadora e atrativa que Paulo jamais escreveu.

A Epístola aos Colossenses é ao mesmo tempo uma das mais eminentes e entre as mais difíceis que Paulo tratou. Em nenhuma parte alcança Paulo tal altura em seus escritos sobre a pessoa e a obra de Jesus. Aqui está o pensamento paulino a respeito de Jesus em sua grandeza maior.

A Primeira e Segunda Epístolas aos Tessalonicenses são, com a possível exceção da Epístola aos Gálatas, as primeiras Cartas de Paulo. Elas são de especial importância nas quais Paulo ensina a suas primeiras Igrejas, e em particular elas contêm alguns dos mais precisos ensinamentos da

Segunda Vinda. Aquele que estude estas quatro Cartas verá o pensamento de Paulo em vários de seus mais altos alcances e aspectos. Os comentaristas estiveram muito acertados na interpretação de todas estas Cartas.

Ninguém pode escrever sobre as Cartas aos Filipenses e Colossenses sem estar profundamente agradecido a grande tarefa de J. B. Lightfoot, cuja categoria de notável intérprete vê-se ao ter obtido um dos maiores Comentários nunca escritos. Constantemente segui os Comentários de C. J. Ellicott. O Comentário de M. R. Vincent em *The International Critical Commentary* é de fundamental importância a respeito da Epístola aos Filipenses. Tem muito de proveito no texto inglês da Carta o Comentário de H. G. C. Moule na antiga *Cambridge Bible for Schools and Colleges*, por J. H. Michael em el *Moffatt Commentary*, e os dois Comentários devocionais por H. G. C. Herklots e C. E. Simcox.

Na Epístola aos Colossenses o volume de C. F. O. Moule no novo *Cambridge Greek Testament* é inestimável, e o tomo no *Moffatt Commentary* por E. F. Scott mostra seu caráter proveitoso e lúcido.

No texto grego da Primeira e Segunda Tessalonicenses há dois grandes Comentários: o de G. Milligan, na Macmillan Series of Commentaries, e o de J. E. Frame no *International Critical Commentary*. Ambos alcançam categorias entre os maiores de todos os *English New Testament Commentaries*. No texto inglês o volume no *Torch Commentary* e o do *Moffatt Commentary* foram escritos por W. Neil, e são ambos os excelentes, e o volume por Lion Morris no *Tyndale Commentary* é também proveitoso e iluminador.

A tradução neste volume não apresenta nada especialmente meritório; foi originalmente produzida numa ordem tal que o leitor pudesse ter uma tradução e comentário num volume de bolso. Sempre tive a meu lado as traduções de Moffatt e de Weymouth, e a de J. B. Phillips. Deste modo freqüentei o pouco usado livro de *The New*

Testament in Plain English de Charles Kingsley Williams, que sempre achei preciso e notavelmente iluminado.

Assim como nos anteriores volumes, dou à circulação este com a oração de que possa servir ao leitor moderno para captar um Novo Testamento realmente vivo.

William Barclay.

Trinity College,
Glasgow,
março de 1959.

INTRODUÇÃO GERAL

Pode dizer-se sem faltar à verdade literal, que esta série de Comentários bíblicos começou quase acidentalmente. Uma série de estudos bíblicos que estava usando a Igreja de Escócia (Presbiteriana) esgotou-se, e se necessitava outra para substituí-la, de maneira imediata. Fui solicitado a escrever um volume sobre Atos e, naquele momento, minha intenção não era comentar o resto do Novo Testamento. Mas os volumes foram surgindo, até que o encargo original se converteu na idéia de completar o Comentário de todo o Novo Testamento.

Resulta-me impossível deixar passar outra edição destes livros sem expressar minha mais profunda e sincera gratidão à Comissão de Publicações da Igreja de Escócia por me haver outorgado o privilégio de começar esta série e depois continuar até completá-la. E em particular desejo expressar minha enorme dívida de gratidão ao presidente da comissão, o Rev. R. G. Macdonald, O.B.E., M.A., D.D., e ao secretário e administrador desse organismo editar, o Rev. Andrew McCosh, M.A., S.T.M., por seu constante estímulo e sua sempre presente simpatia e ajuda.

Quando já se publicaram vários destes volumes, nos ocorreu a idéia de completar a série. O propósito é fazer que os resultados do estudo

erudito das Escrituras possam estar ao alcance do leitor não especializado, em uma forma tal que não se requeiram estudos teológicos para compreendê-los; e também se deseja fazer que os ensinamentos dos livros do Novo Testamento sejam pertinentes à vida e ao trabalho do homem contemporâneo.

O propósito de toda esta série poderia resumir-se nas palavras da famosa oração de Richard Chichester: procuram fazer que Jesus Cristo seja conhecido de maneira mais clara por todos os homens e mulheres, que Ele seja amado mais entranhadamente e que seja seguido mais de perto. Minha própria oração é que de alguma maneira meu trabalho possa contribuir para que tudo isto seja possível.

INTRODUÇÃO GERAL ÀS CARTAS DE PAULO

As cartas de Paulo

No Novo Testamento não há outra série de documentos mais interessante que as cartas de Paulo. Isto se deve a que de todas as formas literárias, a carta é a mais pessoal. Demétrio, um dos críticos literários gregos mais antigos, escreveu uma vez: "Todos revelamos nossa alma nas cartas. É possível discernir o caráter do escritor em qualquer outro tipo de escrito, mas em nenhum tão claramente como nas epístolas" (Demétrio, *On Style*, 227).

Justamente pelo fato de Paulo nos deixar tantas cartas, sentimos que o conhecemos tão bem. Nelas abriu sua mente e seu coração àqueles que tanto amava; e nelas, até o dia de hoje, podemos ver essa grande inteligência abordando os problemas da Igreja primitiva, e podemos sentir esse grande coração pulsando com o amor pelos homens, mesmo que estivessem desorientados e equivocados.

A dificuldade das cartas

E entretanto, é certo que não há nada tão difícil como compreender uma carta. Demétrio (em *On Style*, 223) cita um dito do Artimón, que compilou as cartas do Aristóteles. Dizia Artimón que uma carta deveria ser escrita na mesma forma que um diálogo, devido a que considerava que uma carta era um dos lados de um diálogo. Dizendo o de maneira mais moderna, ler uma carta é como escutar a uma só das pessoas que tomam parte em uma conversação telefônica. De modo que quando lemos as cartas de Paulo frequentemente nos encontramos com uma dificuldade: não possuímos a carta que ele estava respondendo; não conhecemos totalmente as circunstâncias que estava enfrentando; só da carta podemos deduzir a situação que lhe deu origem. Sempre, ao ler estas cartas, nos apresenta um problema dobro: devemos compreender a carta, e está o problema anterior de que não a entenderemos se não captarmos a situação que a motivou. Devemos tratar continuamente de reconstruir a situação que nos esclareça carta.

As cartas antigas

É uma grande lástima que se chamasse *epístolas* às cartas de Paulo. São *cartas* no sentido mais literal da palavra. Uma das maiores chaves na interpretação do Novo Testamento foi o descobrimento e a publicação dos *papiros*. No mundo antigo o *papiro* era utilizado para escrever a maioria dos documentos. Estava composto de tiras da medula de um junco que crescia nas ribeiras do Nilo. Estas tiras ficavam uma sobre a outra para formar uma substância muito parecida com nosso papel de envolver. As areias do deserto do Egito eram ideais para a preservação do papiro, porque apesar de ser muito frágil, podia durar eternamente se não fosse atingido pela umidade. De modo que das montanhas de escombros egípcios os arqueólogos resgataram literalmente centenas de documentos, contratos de casamento, acordos legais, inquéritos

governamentais, e, o que é mais interessante, centenas de cartas particulares. Quando as lemos vemos que todas elas respondiam a um modelo determinado; e vemos que as cartas de Paulo reproduzem exata e precisamente tal modelo. Aqui apresentamos uma dessas cartas antigas. Pertence a um soldado, chamado Apion, que a dirige a seu pai Epímaco. Escrevia de Miseno para dizer a seu pai que chegou a salvo depois de uma viagem tormentosa.

"Apion envia suas saudações mais quentes a seu pai e senhor Epímaco. Rogo acima de tudo que esteja bem e são; e que. tudo parta bem para ti, minha irmã e sua filha, e meu irmão. Agradeço a meu Senhor Serapis [seu Deus] que me tenha salvado a vida quando estava em perigo no mar. logo que cheguei ao Miseno obtive meu pagamento pela viagem — três moedas de ouro. Vai muito bem. portanto te rogo, querido pai, que me escreva, em primeiro lugar para me fazer saber que tal está, me dar notícias de meus irmãos e em terceiro lugar, me permita te beijar a mão, porque me criaste muito bem, e porque, espero, se Deus quiser, me promova logo. Envio minhas quentes saudações a Capito, a meus irmãos, a Serenila e a meus amigos. Envio a você um quadro de minha pessoa pintado pelo Euctemo. Meu nome militar é Antônio Máximo. Rogo por sua saúde. Sereno, o filho do Agato Daimón, e Turvo, o filho do Galiano, enviam saudações. (G. Milligan, *Seleções de um papiro grego*, 36).

Apion jamais pensou que estaríamos lendo sua carta a seu pai mil e oitocentos anos depois de havê-la escrito. Ela mostra o pouco que muda a natureza humana. O jovem espera que ser logo ascendido. Certamente Serenila era a noiva que tinha deixado em sua cidade. Envia á sua família o que na antiguidade equivalia a uma fotografia. Esta carta se divide em várias seções.

- (1) Há uma saudação.
- (2) Roga-se pela saúde dos destinatários.
- (3) Agradece-se aos deuses.
- (4) Há o conteúdo especial.
- (5) Finalmente, as saudações especiais e os pessoais.

Virtualmente cada uma das cartas de Paulo se divide exatamente nas mesmas seções. as consideremos com respeito às cartas do apóstolo.

(1) *A saudação*: Romanos 1:1; 1 Coríntios 1:1; 2 Coríntios 1:1; Gálatas 1:1; Efésios 1:1; Filipenses 1:1; Comesse guloseimas 1:1-2; 1 Tessalonicenses 1:1; 2 Tessalonicenses 1:1.

(2) *A oração*: em todos os casos Paulo ora pedindo a graça de Deus para com a gente a que escreve: Romanos 1:7; 1 Coríntios 1:3; 2 Coríntios 1:2; Gálatas 1:3; Efésios 1:2; Filipenses 1:3; Colossenses 1:2; 1 Tessalonicenses 1:3; 2 Tessalonicenses 1:3.

(3) *O agradecimento*: Romanos 1:8; 1 Coríntios 1:4; 2 Coríntios 1:3; Efésios 1:3; Filipenses 1:3; 1 Tessalonicenses 1:3; 2 Tessalonicenses 1:2.

(4) *O conteúdo especial*: o corpo principal da carta constitui o conteúdo especial.

(5) *Saudações especiais e pessoais*: Romanos 16; 1 Coríntios 16:19; 2 Coríntios 13:13; Filipenses 4:21-22; Colossenses 4:12-15; 1 Tessalonicenses 5:26.

É evidente que quando Paulo escrevia suas cartas o fazia segundo a forma em que todos faziam. Deissmann, o grande erudito, disse a respeito destas cartas: "Diferem das mensagens achadas nos papiros do Egito não como cartas, mas somente em que foram escritas por Paulo." Quando as lemos encontramos que não estamos diante de exercícios acadêmicos e tratados teológicos, mas diante de documentos humanos escritos por um amigo a seus amigos.

A situação imediata

Com bem poucas exceções Paulo escreveu suas cartas para enfrentar uma situação imediata. Não são tratados em que Paulo se sentou a escrever na paz e no silêncio de seu estudo. Havia uma situação ameaçadora em Corinto, Galácia, Filipos ou Tessalônica. E escreveu para enfrentá-la. Ao escrever, não pensava em nós absolutamente; só tinha posta sua mente nas pessoas a quem se dirigia. Deissmann escreve:

"Paulo não pensava em acrescentar nada às já extensas epístolas dos judeus; e menos em enriquecer a literatura sagrada de sua nação... Não pressentia o importante lugar que suas palavras ocupariam na história universal; nem sequer que existiriam na geração seguinte, e muito menos que algum dia as pessoas as considerariam como Sagradas Escrituras."

Sempre devemos lembrar que não porque algo se refira a uma situação imediata tem que ser de valor transitivo. Todos os grandes cantos de amor foram escritos para uma só pessoa, mas todo mundo adora. Justamente pelo fato de as cartas de Paulo serem escritas para enfrentar uma situação ameaçadora ou uma necessidade clamorosa ainda têm vida. E porque a necessidade e a situação humanas não mudam, Deus nos fala hoje através delas.

A palavra falada

Devemos notar mais uma coisa nestas cartas. Paulo fez o que a maioria das pessoas faziam em seus dias. Normalmente ele não escrevia suas cartas; ditava-as e logo colocava sua assinatura autenticando-as. Hoje sabemos o nome das pessoas que escreveram as cartas. Em Romanos 16:22, Tércio, o secretário, inclui suas saudações antes de finalizar a carta. Em 1 Coríntios 16:21 Paulo diz: "A saudação, escrevo-a eu, Paulo, de próprio punho." Ou seja: *Esta é minha própria assinatura, meu autógrafo, para que possam estar seguros de que a carta provém de mim.* (Ver Colossenses 4:18; 2 Tessalonicenses 3:17.)

Isto explica muitas coisas. Às vezes é muito difícil entender a Paulo, porque suas orações começam e não terminam nunca; sua gramática falha e suas frases se confundem. Não devemos pensar que Paulo se sentou tranqüilo diante de um escritório, e burilou cada uma das frases que escreveu. Devemos imaginá-lo caminhando de um lado para outro numa pequena habitação, pronunciando uma corrente de palavras, enquanto seu secretário se apressava a escrevê-las. Quando Paulo compunha suas cartas, tinha em mente a imagem das pessoas às quais

escrevia, e entornava seu coração em palavras que fluíam uma após outra em seu desejo de ajudar. As cartas de Paulo não são produtos acadêmicos e cuidadosos, escritos no isolamento do estudo de um erudito; são correntes de palavras vitais, que vivem e fluem diretamente de seu coração ao dos amigos aos quais escrevia.

INTRODUÇÃO À CARTA AOS COLOSSENSES

As aldeias do vale do Lico

A 160 quilômetros de Éfeso no vale do rio Lico, perto de sua confluência com o Meandro, existiam três cidades importantes: Laodicéia, Hierápolis e Colossos. Originariamente tinham sido cidades frígias mas agora constituíam parte da província romana da Ásia. encontravam-se quase à vista uma de outra. Hierápolis e Laodicéia estavam a um lado do vale com o rio Lico de por meio: só distavam entre si uns dez quilômetros, e se divisavam perfeitamente entre si. Colossos, a terceira cidade, estendia-se a ambas as margens do rio a uns dezesseis quilômetros rio acima.

O vale do Lico tinha duas características notáveis.

(1) Era famoso pelos terremotos. Estrabão o descreve com o curioso adjetivo *euseistos* que poderia traduzir-se *bom para terremotos*. Laodicéia tinha sido destruída mais de uma vez pelos terremotos, mas era uma cidade tão rica e independente que ressurgia das ruínas sem nenhuma ajuda financeira do governo romano. Como diria João no Apocalipse, era uma cidade que se gabava de ser rica e não ter necessidade de nada (Apocalipse 3:17).

(2) As águas do rio Lico e de seus afluentes estavam impregnadas de gesso. Este gesso se acumulava ao longo da costa dando lugar às mais curiosas formações naturais. Lightfoot descreve a região da seguinte maneira: "Os antigos monumentos estão sepultados; a zona fértil está coberta; os leitos dos rios estão repletos por certo poder estranho e

caprichoso ao mesmo tempo destruidor e criador, e que age silenciosamente e através das idades se formam fantásticas grutas, quebradas e arcadas de pedra. De terríveis conseqüências para a vegetação, estas incrustações se disseminam como um sudário de pedra sobre a terra fértil. Brilhando como geleiras ao lado da colina, atraem o olhar do viajante a uma distância de trinta quilômetros e formam um cenário de configurações surpreendentes e singulares que possuem uma beleza e grandiosidade fora do comum".

Uma zona rica

Apesar de tudo isto era uma zona rica e famosa por duas indústrias intimamente relacionadas entre si. A terra vulcânica é sempre fértil e todo o terreno que não estava coberto pelas incrustações de gesso constituía uma região extraordinariamente rica em pastizais. Nestes pastos abundavam os rebanhos de ovelhas e toda a área constituía possivelmente o centro maior do mundo da indústria de lã. Laodicéia era particularmente famosa pela produção de gêneros da mais fina qualidade. Um negócio aliado era o do tingido. As águas com gesso eram de tal qualidade que eram especialmente aptas para o tingido dos gêneros. Colossos era tão famosa por esta indústria que certa tintura levava seu nome. As três cidades, pois, achavam-se num distrito de um interesse geográfico considerável e de grande prosperidade comercial.

Uma cidade sem importância

Nas origens estas três cidades tinham tido igual importância, mas com o correr dos anos seguiram um destino diferente. Laodicéia chegou a ser o centro político do distrito e a cabeça financeira de toda a área; uma cidade esplendidamente próspera. Hierápolis se tinha feito um grande centro comercial com notáveis banhos termais. Nesta zona vulcânica existiam muitas gretas das que surgiam vapores quentes e

vertentes famosas por suas qualidades medicinais. As pessoas iam aos milhares a Hierápolis para banhar-se e beber suas águas.

Colossos, numa época, tinha sido tão grande como as outras duas cidades. Atrás dela se erguia a cordilheira de Cadmo e Colossos dominava os passos das montanhas. Tanto Xerxes como Ciro se detiveram aqui com seus exércitos invasores e Heródoto a havia chamado "a grande cidade de Frígia". Mas por alguma razão a glória se apartou desta cidade. Podemos apreciar este grande eclipse pelo fato de que enquanto Hierápolis e Laodicéia hoje em dia são identificáveis pelas ruínas de seus grandes edifícios, não há uma só pedra que indique onde estava Colossos; sua localização só é matéria de conjeturas. Até no próprio momento em que Paulo escrevia, Colossos só era uma pequena aldeia. Lightfoot diz que era o povo menos importante ao que Paulo escreveu alguma vez uma carta.

Mas é um fato que nesse povo de Colossos tinha surgido uma heresia que se tivesse desenvolvido livremente teria significado a ruína da fé cristã.

Os judeus em Frígia

Há outro fato que deve ser tido em conta para completar o quadro. As três cidades se encontravam numa zona em que residiam muitos judeus. Muitos anos antes Antíoco o Grande tinha deportado duas mil famílias judias de Babilônia e Mesopotâmia às regiões de Lídia e Frígia. Estes judeus se estabeleceram ali e tinham prosperado e, como sempre acontece em casos similares, acudiram mais nacionais para participar de sua prosperidade. Eram tantos os que invadiam a zona que os mais estritos palestinos lamentavam que fossem tantos os que deixavam a severidade da ancestral a Palestina por "os vinhos e os banhos de Frígia".

O número de judeus residentes ali pode apreciar-se pelo seguinte incidente histórico. Laodicéia, como o vimos, era o centro administrativo do distrito. No ano 62 a.C. o governador romano residente, Flaco, tratou

de pôr reserva à prática judia de enviar dinheiro fora da província para pagar o tributo do templo. Impôs um embargo a todo dinheiro que saía da província. E só na parte da província que lhe correspondia confiscou como contrabando não menos de vinte libras de ouro destinadas ao templo de Jerusalém. O montante de ouro representaria o tributo para o templo de não menos de 11.000 judeus. E do momento em que as mulheres e os meninos estavam excluídos do imposto e muitos o evadiam com êxito, é possível calcular uma população judia de 50.000 almas.

A Igreja de Colossos

A Igreja cristã de Colossos não tinha sido fundada pelo mesmo Paulo nem tinha recebido nunca sua visita. Colossos e Laodicéia se consideram entre as Igrejas que Paulo jamais conheceu pessoalmente (2:1). Mas sem lugar a dúvida a fundação desta Igreja se fez sob a direção do apóstolo. Durante os três anos que Paulo esteve em Éfeso, toda a província da Ásia foi evangelizada em tal medida que todos seus habitantes, tanto judeus como gregos, ouviram a palavra do Senhor (Atos 19:10). Como vimos, Colossos encontrava-se a 160 quilômetros de Éfeso e, sem dúvida, que nesta campanha de expansão quando se fundou ali a Igreja. Ignoramos quem tenha sido o fundador da Igreja de Colossos; bem pôde ter sido Epafras, descrito por Paulo como servo e ministro fiel da Igreja colossense e relacionado mais tarde com Hierápolis e Laodicéia (1:7; 4:12-13). Se Epafras não foi o fundador desta Igreja, foi certamente aquele que tinha a seu cargo todo o ministério da zona.

Uma Igreja proveniente do paganismo

É evidente que a Igreja de Colossos provinha em sua maior parte do paganismo. A frase *estranhos e inimigos no entendimento* (1:21) é a usual de Paulo para aqueles que tinham sido alguma vez estranhos à

aliança da promessa. Em 1:27 fala de fazer conhecer o mistério de Cristo entre os gentios, referindo-se claramente aos mesmos colossenses. Em 3:5-7 dá uma lista de seus pecados antes de abraçarem o cristianismo, que são os pecados característicos do mundo pagão. Devemos concluir que a Igreja de Colossos estava constituída preponderantemente por cristãos provenientes do paganismo.

A Igreja ameaçada

Deve ter sido Epafras quem comunicou a Paulo, prisioneiro em Roma, as novidades sobre a situação da Igreja de Colossos. Muitas destas notícias eram boas. Paulo agradece as notícias sobre a fé em Cristo e o amor dos santos (1:4). Alegra-se pelos frutos da vida cristã (1:6). Epafras lhe tinha dado notícias sobre o amor dos colossenses no Espírito (1:8). Paulo enche-se de alegria quando se informa sobre a ordem que observam e sua firmeza na fé (2:5). É obvio que em Colossos também havia dificuldades mas não em tal medida para transformar-se em epidemia. Existia uma ameaça que se continuasse crescendo podia transformar-se em ruína. Para Paulo prevenir era melhor que curar. Com esta Carta enfrenta o mal antes que se difunda, floresça e cresça.

A heresia de Colossos

Ninguém pode dizer com segurança em que consistia a heresia que ameaçava a vida da Igreja colossense. "A heresia colossense" é um dos grandes problemas na investigação do Novo Testamento. Tudo o que podemos fazer é ir à própria Carta para buscar ali os elementos de juízo. Faremos uma lista das características para detectar aqui alguma tendência herética geral que corresponda ao quadro.

(1) Certamente havia uma heresia que atacava a suficiência plena e supremacia única de Cristo. Nenhuma carta paulina tem uma visão mais sublime de Cristo nem maior insistência em sua perfeição e sua

finalidade. Jesus Cristo é a imagem do Deus invisível; nele habita toda a plenitude (1:15,19). Nele estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento (2:2). Nele habita a plenitude da divindade em forma corporal (2:9). Jamais se fizeram nem podem fazer-se maiores afirmações sobre Cristo.

(2) Devemos advertir deste modo que Paulo incorre numa digressão para sublinhar a parte que Jesus Cristo desempenhou na criação, a obra criadora do Filho. Por Ele foram criadas todas as coisas (1:16); nEle tudo subsiste (1:17). O Filho foi o instrumento do Pai na criação do universo.

(3) Mas também Paulo abandona as linhas de seu pensamento para sublinhar a humanidade real de Jesus Cristo: sua humanidade de carne e sangue. Em seu próprio corpo carnal levou a efeito a obra redentora (1:22). A plenitude da divindade habita nEle (*somatikos*) em forma corporal (2:9). Com toda sua divindade, Jesus Cristo é real e verdadeiramente carne e sangue humanas.

(4) Dá a impressão de que nesta heresia havia algum elemento astrológico. Em 2:8 diz-se que os colossenses iam após os *rudimentos* deste mundo; em 2:20, que devem morrer aos *rudimentos* deste mundo. A palavra para rudimentos é *stoiqeia*, termo que tem dois significados.

(a) Seu sentido básico é de *fileira*. Pode aplicar-se, por exemplo, a uma fila de soldados. Mas um de seus significados mais comuns é o de A B C: letras do alfabeto colocadas como se estivessem em fila. A partir daqui o significado passa aos *elementos de qualquer matéria*: os rudimentos, os primeiros elementos, o próprio A B C. Se for assim, Paulo pensa que os colossenses estão dando marcha à ré num tipo de cristianismo elementar enquanto que, pelo contrário, deveriam avançar rumo à maturidade.

(b) Mas pensamos que o segundo significado é mais provável. *Stoiqeia* pode significar os *espíritos elementares do mundo*, especialmente os espíritos dos astros e planetas. O mundo antigo estava dominado pelo pensamento da influência dos astros. Nem os homens mais velhos e sábios agiam sem consultar os astros. O mundo antigo

pensava que as coisas e os homens estavam submetidos a um poder fatal, férreo pela influência dos astros; a astrologia pretendia brindar aos homens as palavras-chaves ou o conhecimento secreto que os livraria de sua escravidão aos espíritos elementares do mundo. É mais provável que os falsos professores colossenses tivessem ensinado a necessidade de algo mais que Jesus Cristo para livrar os homens da sujeição aos espíritos elementares do mundo e aos astros.

(5) Esta heresia dava muita importância ao poder dos espíritos demoníacos. Há freqüentes referências aos *principados* e *potestades*, nomes que Paulo aplica a esses espíritos (1:16; 2:10; 2:15). O mundo antigo cria implicitamente nestes poderes demoníacos. O ar estava infestado deles. Cada força natural — o vento, o trovão, o raio, a chuva — tinha seus diretores demoníacos. Cada lugar, cada árvore, cada rio, cada lago, tinham seu espírito. A atmosfera estava infestada dos que em certo sentido eram considerados intermediários de Deus mas que constituíam um impedimento porque a imensa maioria eram hostis ao homem. O mundo antigo vivia num universo obcecado pela idéia dos demônios. Evidentemente os falsos mestres colossenses diziam que se requeria algo mais que Cristo para derrotar o poder demoníaco; que Jesus Cristo não era suficiente para tratar com eles por si mesmo, mas sim requeria a ajuda de algum outro conhecimento e poder.

(5) Nesta heresia existia com certeza o que poderíamos chamar um elemento filosófico. Os hereges arruinavam os homens com filosofia e vãs sutilezas (2:8). Certamente afirmavam que a simplicidade do evangelho necessitava o agregado de um conhecimento muito mais elaborado e recôndito.

(7) Nesta heresia existia uma tendência a insistir na observância de dias e rituais especiais: festividades, luas novas e dias de repouso (2:16). O ritualismo e a observância particular de tempos e estações era um traço distintivo da falsa doutrina.

(8) Esta heresia continha certamente um elemento supostamente ascético. Estabelecia leis sobre comidas e bebidas (2:16). Seus lemas

eram: “Não toques, não proves, não manuseies” (2:21). Limitava a liberdade cristã por meio de toda sorte de insistências em ordenanças, leis e prescrições legalistas.

(9) A heresia possuía igualmente, ao menos às vezes, um rasgo antinômico: fazia com que os homens descuidassem a pureza e castidade próprias do cristão para pensar com ligeireza sobre o físico e os pecados corporais (3:5-8).

(10) Aparentemente a heresia dava pelo menos certo lugar ao culto dos anjos (2:18). Ao lado dos demônios introduzia intermediários angélicos entre o homem e Deus.

(11) E, finalmente, parece que a heresia continha algo que poderia chamar-se esnobismo espiritual e intelectual: em 1:28 Paulo expressa sua aspiração de admoestar a *todo homem*, de ensinar a *todo homem* em toda sabedoria, de apresentar a *todo homem perfeito* em Jesus Cristo. Vemos com que ênfase a frase *todo homem* se repete reiteradamente, expressando a aspiração de tornar o homem perfeito em *toda* sabedoria. A clara implicação disto é que os hereges limitavam a universalidade do evangelho a uns poucos escolhidos. Introduziam uma aristocracia espiritual e intelectual na amplitude da fé cristã.

A heresia gnóstica

Há alguma tendência herética geral que explique e inclua tudo isto? Existia uma corrente de pensamento chamada *gnosticismo*. O gnosticismo começava com duas considerações básicas sobre a matéria. Em primeiro lugar pensava que só o espírito era bom e que a matéria era essencialmente defeituosa e má. Em segundo lugar, pensavam que a matéria era eterna; q que o universo não tinha sido criado do nada — que é a crença ortodoxa — mas sim a matéria defeituosa tinha sido o elemento do qual o mundo foi feito. Agora, esta fé básica levava necessariamente a algumas conseqüências inevitáveis e lógicas.

(1) Tem efeito sobre a doutrina da criação. Se Deus for espírito é então inteiramente bom. Portanto, não é possível que Deus toque ou trabalhe com uma matéria defeituosa e má. Em conseqüência, Deus não é o criador do mundo. O que é então que aconteceu? Deus — diziam os gnósticos — emitia toda uma série de emanções. Cada emanção se apartava um pouco mais de Deus até que no fim da série encontrava-se uma tão longínqua que podia tocar e tratar com a matéria. Esta foi a emanção que criou o mundo. Mas os gnósticos iam mais além. Como cada emanção estava mais distante de Deus, cada uma era mais ignorante ainda de Deus. À medida que a série progredia, gradualmente essa ignorância se permutava em algo mais que ignorância: em hostilidade. Desta maneira as emanções mais distantes ignoravam a Deus e lhe eram hostis. A conseqüência disto é que o deus criador do universo ao mesmo tempo ignora completamente ao Deus verdadeiro e lhe é totalmente hostil. Para enfrentar ou ir contra esta doutrina gnóstica da criação Paulo insiste em que o agente de Deus na criação não é algum poder ignorante e hostil, mas sim o Filho que conhece e ama perfeitamente ao Pai.

(2) Tem suas conseqüências na doutrina sobre a pessoa de Jesus Cristo. Se a matéria for inteiramente má e se Jesus for o Filho de Deus, então este não pôde ter um corpo de carne e ossos — assim argüiam os gnósticos. Jesus devia ser uma espécie de fantasma espiritual. Parecia como se tivesse corpo, mas de fato carecia dele. As fantasias gnósticas diziam que quando Jesus caminhava não deixava rastros na terra porque carecia de corpo. Isto, é obvio, afasta completamente Jesus da humanidade e o torna completamente impossível de ser o Salvador dos homens. Para enfrentar esta doutrina gnóstica Paulo insiste na condição corporal de carne e sangue de Jesus e em que salvou os homens no corpo de sua carne.

(3) Tem suas conseqüências no âmbito ético. Se a matéria for má, nossos corpos são maus. Se nossos corpos forem maus então necessariamente se chega a uma de duas conseqüências.

(a) Devemos matar de inanição, golpear e negar o corpo; devemos praticar um ascetismo rígido para submetê-lo e rechaçar todas e cada uma de suas necessidades e desejos. Se o corpo for mau então deve ser continuamente subjugado. Mas é possível adotar precisamente um critério oposto. Se o corpo for mau não interessa o que o homem faça com ele. O espírito é tudo o que interessa; o corpo carece inteiramente de importância. Portanto, o homem pode desfrutar e saciar seus apetites e desejos; não tem importância o que realiza com seu corpo.

O gnosticismo pode, portanto, derivar em ascetismo com todo tipo de leis e restrições sobre as comidas; pode derivar num antinomismo que justifica toda imoralidade. E podemos ver que precisamente ambas as tendências operam no ensino dos falsos mestres colossenses.

(4) Há uma coisa que se segue de tudo isto: o gnosticismo é um enfoque da vida e constitui um pensamento altamente espiritual. Há uma longa série de emanções entre o homem e Deus, para chegar a Deus o homem deve lutar remontando toda essa longa escala. Para obtê-lo necessitará toda sorte de procedimentos secretos, de ensinamentos esotéricos e de contra-senhas ocultas. Requer o sistema elaborado de um conhecimento secreto e recôndito. Se tiver que praticar um ascetismo rígido terá o conhecimento de regras; seu ascetismo será tão rígido que não poderá embarcar-se nas atividades ordinárias da vida. Portanto, os gnósticos afirmavam abertamente que os logros mais elevados da religião estavam abertos só a uns poucos escolhidos e fechados à imensa maioria dos homens comuns. Esta convicção da necessidade de pertencer a uma aristocracia espiritual e religiosa corresponde precisamente à situação de Colossos.

(5) Ainda falta fazer encaixar algo mais neste quadro. É absolutamente óbvio que na falsa doutrina que ameaça à Igreja de Colossos há um elemento judeu. Os dias de festa, as Luas novas e os dias de repouso eram caracteristicamente judeus. As leis sobre comidas e bebidas eram essencialmente leis levíticas judias. Como, pois, entram os judeus neste sistema? É algo estranho que muitos judeus simpatizassem

com o gnosticismo. Sabiam tudo a respeito dos anjos, demônios e espíritos. Mas acima de tudo adotaram esta posição. Diziam:

"Sabemos muito bem que se requer um conhecimento especial para negar a Deus. Sabemos muito bem que Jesus e seu evangelho são muito simples, e que o conhecimento especial não se tem que encontrar em outro lugar que na Lei judia. Trata-se precisamente de nossa Lei ritual e cerimonial que efetivamente constitui o conhecimento especial que capacita ao homem para chegar a Deus."

O resultado disto era que com não pouca freqüência se chegava a uma estranha aliança entre gnosticismo e judaísmo. Esta aliança é a que justamente encontramos em Colossos onde, como vimos, habitavam muitos judeus.

Resulta claro, portanto, que os falsos mestres colossenses estavam contaminados com a heresia gnóstica. Tratavam de transformar o cristianismo em filosofia e teosofia; se tivessem tido êxito, a fé cristã teria sido destruída.

O autor da Carta

Ainda fica pendente uma questão. Há alguns investigadores que não crêem que Paulo tenha escrito esta Carta. Para isto alegam três razões.

(1) Dizem que em Colossenses há muitas palavras e frases que não aparecem em nenhuma das outras Cartas paulinas. Isto é absolutamente certo, mas não prova nada. Não podemos exigir que alguém escreva sempre da mesma maneira e com o mesmo vocabulário. Em Colossenses bem podemos pensar que Paulo tinha coisas novas que dizer e encontrou novos modos das expressar.

(2) Dizem que o desenvolvimento do pensamento gnóstico foi de fato muito posterior à época de Paulo e se for conectada a heresia colossense com o gnosticismo, então a Carta é necessariamente posterior a Paulo. É verdade que os grandes sistemas gnósticos escritos são

posteriores. Mas a idéia de dois mundos, a idéia da matéria má e de que o corpo é uma tumba e que a carne é mala já se encontravam profundamente impregnadas tanto no pensamento judeu como no grego. Nada há em Colossenses que não possa ser explicado por tendências gnósticas existentes durante muito tempo no pensamento antigo ainda que sua sistematização tenha vindo obviamente mais tarde.

(3) Dizem que o conceito de Cristo em Colossenses avanta muito ao de qualquer outro das Cartas certamente escritas por Paulo. Dizem que a idéia de Cristo como criador e como plenitude de Deus é algo que encontraremos no quarto Evangelho quarenta anos mais tarde. A estas afirmações podem-se dar duas respostas.

Em primeiro termo, Paulo fala das riquezas inescrutáveis de Cristo. Paulo se encontrou em Colossos com uma nova situação; a partir das riquezas inescrutáveis de Cristo Paulo elabora novas respostas adaptadas à situação. É verdade que a cristologia de Colossenses supera a qualquer das Cartas anteriores de Paulo; mas isto está longe de significar que Paulo não seja o autor, a não ser que queiramos sustentar que o pensamento de Paulo permaneceu sempre estático e que nunca se desenvolveu em face de uma nova situação. O certo é que a pessoa desenvolve as implicações de sua fé só quando as circunstâncias o compelem a agir dessa maneira. E frente a um novo exposto de circunstâncias Paulo pensou em novas implicações de Cristo.

Em segundo lugar, o núcleo do pensamento paulino sobre Cristo, como o encontramos em Colossenses, de fato deve existir em algumas de suas Cartas mais antigas. Em 1 Coríntios 8:6 escreve: *um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós também, por ele*. Nesta frase está em essência tudo o que Paulo diz em Colossenses. A semente estava na mente de Paulo a ponto de brotar e crescer em face do advento de um novo clima e novas circunstâncias.

Não temos por que vacilar em reconhecer a Colossenses como uma Carta paulina.

Uma Carta importante

É um fato ao mesmo tempo estranho e admirável que Paulo tenha escrito a Carta que contém os topos mais altos de seu pensamento a uma população tão sem importância como o era Colossos. Mas agindo desta maneira reprimiu uma tendência que, se fosse deixado crescer, teria levado à ruína o cristianismo da Ásia e teria causado um dano irreparável à fé de toda a Igreja.

Colossenses 1

A saudação cristã - 1:1-2

Os dois aspectos da vida cristã - 1:3-8

A essência do Evangelho - 1:3-8 (cont.)

A essência da oração de petição - 1:9-11

Os três grandes dons - 1:9-11 (cont.)

A grande ação de graças da oração - 1:12-14

A suficiência plena em Jesus Cristo - 1:15-23

O que Jesus Cristo é em si mesmo - 1:15-23 (cont.)

Jesus Cristo diante da criação - 1:15-23 (cont.)

Jesus Cristo com relação à Igreja - 1:15-23 (cont.)

Jesus Cristo com relação a todas as coisas - 1:15-23 (cont.)

O propósito e a obrigação da reconciliação - 1:15-23 (cont.)

O privilégio e a tarefa - 1:24-29

A SAUDAÇÃO CRISTÃ

Colossenses 1:1-2

O cristão consagrado não pode escrever uma só frase sem manifestar as grandes verdades que estão na base de seu pensamento. Paulo nunca tinha estado em Colossos, por conseguinte tem que começar esclarecendo o direito que tem para enviar aos Colossenses uma Carta. Ele o faz com uma só palavra: *é apóstolo*, embaixador eleito por Deus. A

palavra *apostolos* significa literalmente *alguém que é enviado*. O direito que Paulo tem de falar está em que tinha sido enviado por Deus para ser embaixador entre os gentios. Mas Paulo adiciona que é apóstolo *pela vontade de Deus*. O ofício de apóstolo não é algo que se ganha ou se obtém, mas sim que se recebe de Deus; não se assume; é algo de que a pessoa foi investida. “Não fostes vós que me escolhestes a mim”, disse Jesus, “pelo contrário, eu vos escolhi a vós” (João 15:16). Aqui, no mesmo ponto de partida da Carta, encontra-se toda a doutrina da graça. O homem não é o que se tem fez a si mesmo mas sim foi feito por Deus. Não há tal coisa como um homem que se tenha feito sozinho; há somente homens que Deus fez e homens que recusam deixar-se fazer por Deus.

Paulo associa consigo a Timóteo dando-lhe um título afetoso: chama-o *o irmão*. É o título dado a Quarto (Romanos 16:23), a Sóstenes (1 Coríntios 1:1), a Apolo (1 Coríntios 16:12). A necessidade fundamental para o serviço e ofício cristãos não é outra senão a da *fraternidade*.

Premanand, um nobre da Índia que se tinha convertido ao cristianismo, refere-se em sua autobiografia ao Pai E. F. Brown da missão de Oxford em Calcutá. E. F. Brown era amigo de todos mas especialmente dos choferes, dos carreteiros, dos condutores de bondes, dos criados domésticos e das centenas de pobres moços da rua. Quando, mais tarde, Premanand viajava pela Índia, encontrava freqüentemente pessoas que tinham estado em Calcutá e que sempre perguntavam por E. F. Brown dizendo: "Vive ainda o amigo dos jovens das ruas de Calcutá que costumava caminhar de braço dado com os pobres?" Era sua fraternidade a que conduzia os homens ao Mestre.

Sir Henry Lunn nos narra como seu pai costumava descrever a seu avô: "Era amigo do pobre sem paternalismo, e do rico sem servilismo." Para usar nosso idioma moderno, o primeiro requisito para o serviço cristão é a capacidade de "colocar-se ao lado" de todo tipo de gente. Timóteo não é descrito como o pregador, o mestre, o teólogo ou o

administrador, mas sim como o *irmão*. Aquele que se conduz com reservas jamais poderá ser realmente servo de Jesus Cristo.

Há outro fato interessante e significativa nesta saudação inicial. Dirige-se aos santos e fiéis irmãos de Colossos. Agora Paulo muda seu costume no modo de dirigir-se ao destinatário. As Cartas de 1 e 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Coríntios e Gálatas se dirigem às Igrejas do distrito correspondente. Mas começando com Romanos todas as Cartas de Paulo se dirigem ao povo consagrado a Deus de tal e tal lugar. Assim é com Romanos, Colossenses, Filipenses e Efésios. À medida que avançava em idade, Paulo via com maior clareza que o que interessava eram os indivíduos. A Igreja é esse povo. A Igreja não é uma sorte de entidade vaga e abstrata; são os indivíduos: homens, mulheres e meninos. Com o correr dos anos Paulo pensava cada vez menos na Igreja como uma totalidade e cada vez mais nos homens e mulheres que a compõem. Desta maneira chegando no fim de sua Carta dirige suas saudações, não a alguma sociedade abstrata chamada Igreja, mas sim a homens e mulheres individuais dos que sempre a Igreja deve compor-se.

A saudação de abertura se encerra colocando duas coisas em estreita vinculação. Escreve aos cristãos que estão *em Colossos* e *em Cristo*. O cristão se move sempre em duas esferas. Encontra-se num lugar: um povo, uma sociedade que o localiza em este mundo; mas também está em Cristo. O cristão vive em duas dimensões. Vive neste mundo, e portanto não toma levemente os deveres e as relações com o mesmo. Cumpre todas as suas obrigações para com o mundo em que vive. Mas acima e mais além do mundo, vive em Cristo. Neste mundo pode mover-se de um lugar a outro, estar hoje aqui e amanhã lá, mas, esteja onde esteja, sempre estará em Cristo. Esta é a razão pela que as circunstâncias externas pouco afetam o cristão; sua felicidade, sua paz e sua alegria não dependem delas; as coisas podem mudar mas o fato de que está em Cristo jamais muda. Esta é a razão pela que o cristão realiza todo trabalho e tarefa de todo coração. Pode ter um trabalho servil, desagradável, penoso e menos distinto do que teria esperado; seu salário

pode ser escasso e o louvor nulo. Entretanto, o cristão trabalha diligente, animadamente e sem queixar-se porque está em Cristo e faz tudo para o Senhor. Nós estamos em nossa própria Colossos, em qualquer lugar que esta esteja, mas todos estamos em Cristo. E este estar em Cristo é o que dá a tônica à nossa vida e à nossa maneira de viver.

OS DOIS ASPECTOS DA VIDA CRISTÃ

Colossenses 1:3-8

Nesta passagem encontramos a essência da vida cristã. O fato que enche de satisfação o coração de Paulo e pelo qual dá graças a Deus é saber que os colossenses têm duas grandes qualidades cristãs: *fé em Cristo e amor ao próximo*.

Estes são os dois aspectos da vida cristã. Deve manifestar lealdade a Cristo e amor aos homens. O cristão deve ter fé; deve saber o que crê. Mas também deve amar aos homens; deve permutar a fé em ação. Não é suficiente simplesmente ter fé, porque pode existir uma ortodoxia que desconhece a caridade, e pode haver uma bondade sem amor. Não é suficiente só o amor aos homens, porque sem a base da verdadeira fé esse amor pode transformar-se em mero sentimentalismo. O cristão tem uma dobro lealdade: lealdade a Cristo e lealdade aos homens. O cristão tem um dobro compromisso: com Jesus Cristo e com os homens. A fé cristã não é só uma convicção da mente, mas também uma efusão do coração; não é só um pensamento correto, mas também uma conduta de amor. A fé em Cristo e o amor aos homens são os dois pilares da vida cristã.

Essa fé e esse amor dependem da esperança que se coloca nos céus. O que é o que Paulo quer dizer precisamente? Acaso pede aos colossenses que manifestem sua fé em Cristo e seu amor aos homens só pela esperança de alguma recompensa que têm que receber algum dia? Acaso lhes pede que sejam bons com a finalidade de tirar proveito desse

bom comportamento? Significa algo assim como o lema moderno "salva sua alma"? Há algo muito mais profundo que tudo isto.

A lealdade a Cristo pode envolver o homem em todo tipo de perdas, tribulações, sofrimentos e impopularidade. Para ser leal a Cristo terá que dizer adeus a muitas coisas. Para muitos o caminho do amor pode lhes parecer uma loucura. Por que buscar servir a outros? Por que perdoar? Por que esbanjar a vida num serviço altruísta? Por que não aproveitar a vida para "prosperar", como o faz todo mundo? Por que não deixar o irmão fraco à beira do caminho? Por que não tomar parte na competição e na carreira em que sobrevive o mais forte e capacitado? A resposta é: por causa *da esperança que está perante nós*.

Como diz C. F. D. Moule, a esperança é a certeza de que apesar dos caminhos e normas do mundo, o caminho do Deus do amor tem a última palavra. A esperança cristã consiste em que o caminho de Deus é o melhor, em que a única felicidade, paz, alegria, verdade e recompensa perduráveis se encontram só no caminho de Deus. A lealdade a Cristo conduz a dificuldades mas estas não são a última palavra. O mundo pode rir com desprezo em face da "loucura" do caminho do amor. Mas a "loucura" de Deus é mais sábia que a sabedoria do homem. A esperança cristã tem a certeza que é melhor apostar a própria vida por Deus que crer no mundo.

A ESSÊNCIA DO EVANGELHO

Colossenses 1:3-8 (continuação)

Nos versículos 6-8 desta passagem encontra-se uma espécie de sumário do que é o evangelho e o que faz. Nesta seção Paulo tem muito a dizer sobre a esperança que já tinha chegado aos colossenses e que tinham ouvido e aceito.

(1) O evangelho é um *evangelho*, quer dizer, boas novas. A melhor definição do evangelho em todo sentido é que consiste na *boa notícia de Deus*. A mensagem do evangelho é a mensagem de um Deus que é

Amigo e Amante das almas dos homens. Em primeiro termo e acima de tudo o evangelho nos coloca numa relação correta com Deus.

(2) O evangelho é *verdade*. Todas as religiões precedentes poderiam intitular-se "conjetura sobre Deus". O evangelho cristão brinda ao homem não conjetura, mas sim certezas sobre Deus.

(3) O evangelho é *universal*. É para todo mundo. Não está limitado a alguma raça ou nação, nem a alguma classe ou condição. Neste mundo são muito poucas as coisas que estão abertas a todos. A capacidade mental do homem decide os estudos que tem que empreender; a classe social decide o círculo dentro do qual se deve mover; as riquezas materiais determinam as posses terrenas que pode amassar; os dons e talentos particulares decidem o que tem que realizar. Mas a mensagem do *evangelho*, e a alegria e paz do evangelho estão ao alcance de todos, sem exceção.

(4) O evangelho é *produtivo*; produz frutos em forma crescente. É um fato evidente da história e da experiência que o evangelho tem poder de mudar as vidas dos indivíduos e da sociedade em que o homem vive. O poder do evangelho pode fazer do pecador um homem bom e arrancar paulatinamente da sociedade o egoísmo e a crueldade, para brindar a todos os homens a oportunidade que Deus quer que tenham.

(5) O evangelho fala de *graça*; não é uma coisa mais de entre tantas que o homem tem perante si; outra tarefa sem esperança e que amedronta. O evangelho não é a mensagem do que Deus pede, mas sim do que oferece; não fala do que Deus exige do homem, mas sim do que Deus lhe dá.

(6) O evangelho se *transmite humanamente*. Foi Epafras quem levou o evangelho aos colossenses. Deve haver um canal humano pelo qual o evangelho possa chegar aos homens. E aqui é onde intervimos nós. A possessão da boa notícia do evangelho implica na obrigação de compartilhá-lo. O que se brinda divinamente deve transmitir-se humanamente. Jesus Cristo nos necessita para que sejamos as mãos, os pés e os lábios que levem o evangelho àqueles que ainda não o

conhecem. Nós que recebemos o privilégio do evangelho recebemos também a responsabilidade de transmiti-lo a outros.

A ESSÊNCIA DA ORAÇÃO DE PETIÇÃO

Colossenses 1:9-11

É comovedor poder ouvir as orações de um santo por seus amigos; isto é justamente o que ouvimos nesta passagem. Bem pode dizer-se que esta passagem nos ensina mais sobre a essência da oração de petição que qualquer outra do Novo Testamento. Daqui aprendemos, como disse C. F. D. Moule, que a oração faz duas grandes petições. Pede o discernimento da vontade divina, e logo o poder para cumprir esta vontade.

(1) A oração começa pedindo ser repletos com um conhecimento cada vez maior da vontade de Deus. O grande objeto da oração é conhecer a vontade de Deus. Na oração não tentamos tanto que Deus nos escute como escutar nós mesmos a Deus; não tentamos persuadir a Deus para que faça o que nós queremos, mas sim de chegar a descobrir o que Ele quer que realizemos. Acontece com freqüência que na oração realmente dizemos: "Mude-se a sua vontade", quando deveríamos dizer: "Faça-se a sua vontade". O primeiro objeto da oração não é tanto falar a Deus, como ouvi-lo.

(2) Este conhecimento de Deus deve traduzir-se numa situação concreta humana. Oramos por sabedoria e inteligência espirituais. A sabedoria espiritual é a *sofia* que podemos descrever como o *conhecimento dos primeiros princípios*. A inteligência (*synesis*), é o que os gregos às vezes descreviam como *conhecimento crítico*, referindo-se à *capacidade de aplicar os primeiros princípios a cada situação que possa dar-se na vida*. Assim, pois, quando Paulo ora para que seus amigos tenham sabedoria e inteligência, pede que entendam as grandes verdades do cristianismo, que sejam capazes de aplicar essas verdades às tarefas e decisões da vida de cada dia. É muito fácil que alguém seja *um perito* em

teologia e um fracasso na vida. Pode ser capaz de escrever e falar sobre as grandes verdades eternas e, entretanto, carecer inteiramente de capacidade para aplicar essas verdades aos assuntos de cada dia. O cristão deve conhecer o que significa o cristianismo, não em teoria, mas no trabalho da vida diária.

(3) Este conhecimento da vontade de Deus e esta sabedoria e inteligência devem engendrar uma conduta reta. Paulo ora para que seus amigos se conduzam de tal maneira que agradem a Deus. Não há nada prático no mundo como a oração. A oração não é um escape da realidade. Não é uma solitária meditação em Deus ou comunhão com Ele. Oração e ação andam de mãos dadas. Oramos não para escapar da vida, senão para nos fazer mais capazes de enfrentá-la. Oramos não para nos apartar da vida, senão para viver no consórcio humano de como se deve viver.

(4) Para realizar isto precisamos poder. Por isso Paulo ora para que seus amigos sejam fortalecidos com todo o poder de Deus. O grande problema da vida não é saber o que terá que fazer, mas sim fazê-lo. Na maioria dos casos temos consciência do que devemos fazer numa situação dada; nosso problema é levar o conhecimento à prática. O que precisamos é poder; o que recebemos na oração é poder. Se Deus só nos dissesse qual é sua vontade para conosco, poderia ser uma situação de frustração e tortura; mas Deus não só nos revela sua vontade, mas também nos capacita a realizá-la. Por meio da oração conseguimos os maiores bens do mundo: conhecimento e poder.

OS TRÊS GRANDES DONS

Colossenses 1:9-11 (continuação)

O que poderíamos chamar a parte *petitória* da oração de Paulo conclui com uma prece por três grandes dons. Pede que seus amigos colossenses possuam toda *paciência, longanimidade e alegria*.

As duas palavras *paciência* e *longanimidade* são de importância em grego e com frequência vão ao mesmo tempo. *Paciência* é *hypomone* e *longanimidade* *makrothymia*. Deve-se advertir a diferença entre estes dois termos. É verdade que em grego nem sempre se observa esta diferença, mas quando as duas palavras vão juntas, deve-se assinalá-la.

Hypomone se traduz ordinariamente por *paciência*, mas não significa paciência no sentido de sentar-se para suportar os acontecimentos ou de inclinar simplesmente a cabeça para deixar que a maré dos eventos passe sobre alguém. *Hypomone* não só significa capacidade para suportar as coisas, mas também habilidade para suportando, fazer com que as coisas se permutem em glória. É uma paciência triunfadora. *Hypomone* é o espírito que não pode ser vencido por nenhuma circunstância da vida e ao que nenhum acontecimento pode prostrar. A *hypomone* é a capacidade de sair triunfante em qualquer coisa que a vida possa nos fazer.

Makrothymia comumente se traduz como *longanimidade*. Seu significado básico é o de *paciência com as pessoas*. É a qualidade de mente e coração que faz com que o homem seja capaz de suportar as pessoas de tal maneira que a antipatia, malícia e crueldade destas não o arrastem à amargura; que sua indocilidade e estultícia não o forcem ao desespero; que sua insensatez não o arraste à exasperação nem sua indiferença altere seu amor. *Makrothymia* é o espírito que jamais perde a paciência e que crê e espera nos homens.

Paulo pede, pois, estas duas grandes qualidades: a *hypomone*, a *paciência* que não pode ser vencida em nenhuma situação; a *makrothymia*, a *longanimidade* que não pode ver vencida por nenhuma pessoa. Ora para que o cristão seja tal que nenhuma circunstância possa dobrar sua fortaleza e nenhum ser humano vencer seu amor. Ora pelo espírito que jamais se desespera em face de uma situação ou perante uma pessoa; que recusa se desesperar com respeito às coisas ou com respeito às pessoas. A fortaleza do cristão nos acontecimentos e a paciência com o povo devem ser indestrutíveis.

E agregado a tudo isto vem a *alegria*. Tudo isto não é uma lúgubre luta com acontecimentos e pessoas; é uma atitude radiante e luminosa na vida. A alegria cristão é uma alegria em toda circunstância. Como diz C. F. D. Moule: "Se a alegria não se arraigar na terra do sofrimento é frívola." É fácil estar prazeroso quando as coisas saem bem, mas o regozijo cristão é algo que todos os contratempos da vida não podem sufocar.

A oração cristã, pois, é: "Faça-me, Senhor, vitorioso sobre toda circunstância; faça-me paciente com cada pessoa e dê-me além disso uma alegria do que nenhuma circunstância nem pessoa podem me privar."

A GRANDE AÇÃO DE GRAÇAS DA ORAÇÃO

Colossenses 1:12-14

Agora Paulo passa a dar graças pelos benefícios que o cristão recebeu em Cristo. Aqui se encontram duas idéias.

(1) Deus deu participação aos colossenses na herança dos santos em luz. Toda esta passagem tem uma correspondência muito estreita com o outro em que Paulo fala diante da Agripa, narrando-lhe a obra que Deus lhe havia encarregado. A tarefa se enuncia assim: "Para lhes abrires os olhos e os converteres das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus, a fim de que recebam eles remissão de pecados e herança entre os que são santificados pela fé em mim" (Atos 26:18). O primeiro privilégio é que aos gentios foi concedido que participassem da herança do povo escolhido de Deus. Os judeus tinham sido sempre o povo escolhido de Deus, a possessão peculiar, especial e única de Deus; mas agora as portas estão abertas aos gentios e a todos os homens; não só os judeus, mas também todos os homens e todas as nações têm entrada na herança do povo de Deus.

(2) A segunda idéia-chave é que Deus nos *trasladou para o reino do seu Filho muito amado* (v. 13, TB). A palavra que Paulo usa para

trasladar é methistemi. Este verbo grego tem um uso particular. No mundo antigo quando um império obtinha uma vitória sobre outro havia o costume de trasladar inteiramente a população do vencido a outro país. Assim, por exemplo, o povo do reino do Norte tinha sido levado a Assíria e o povo de Jerusalém e do reino do Sul a Babilônia. Esta transferência de populações inteiras era uma característica do mundo antigo. Assim é como diz Paulo que Deus transferiu o cristão a seu próprio domínio e reino: tirou-o do âmbito em que costumava viver para levá-lo a seu próprio reino e poder. Esta transferência realizada por Deus não é só um traslado, mas também um resgate com quatro notas características.

(a) É um traslado *das trevas à luz*. Sem Deus, os homens andam tateando e tropeçam como os que caminham em trevas. Não sabem o que fazem, não sabem para onde vão. A vida é vivida nas sombras da dúvida e nas trevas da ignorância. Quando Bilney, o mártir, leu que Jesus Cristo veio ao mundo para salvar os pecadores, disse que era como a aurora que rompe as trevas da noite. Em Jesus Cristo Deus nos deu uma luz para viver e morrer na mesma.

(b) Significa um traslado *da escravidão à liberdade*, quer dizer, da *redenção*. A palavra usa-se para a emancipação de um escravo e para o resgate de algo que estava em poder de outro. Sem Deus, os homens são escravos de seus temores, de seus pecados e de sua própria impotência. Em Jesus Cristo encontra-se uma libertação que elimina o medo e a frustração.

(c) Significa um traslado *da condenação ao perdão*. O homem em seu pecado não merece outra coisa senão a condenação de Deus, mas pela obra de Jesus Cristo descobre o amor de Deus e seu perdão; sabe que daí em diante já não é um criminoso condenado no tribunal divino, mas sim um filho perdido que sempre tem acesso à casa paterna.

(d) Significa um traslado *do poder de Satanás ao poder de Deus*. Por Jesus Cristo o homem é libertado do poder de Satanás e se converte em cidadão do reino de Deus. Assim como o conquistador terrestre

trasladava os cidadãos do país conquistado a outro país e outro reino, assim também Deus em seu amor triunfante translada os homens do reino do pecado e das trevas ao reino da santidade, da luz e do amor.

A SUFICIÊNCIA PLENA DE JESUS CRISTO

Colossenses 1:15-23

Esta passagem encerra tal dificuldade e é tão importante, que deveremos nos deter aqui todo o tempo necessário. Dividiremos o que temos que dizer sobre ele em várias seções. Começemos com a situação que deu origem a esta passagem para passar logo à visão total de Cristo que Paulo oferece nesta Carta.

OS PENSADORES EQUIVOCADOS

Um dos atos da experiência humana é que o homem não pensa mais do que necessita. A maior parte dos homens necessitam algo que os faça pensar. Só quando o homem vê que se contradiz e ataca sua fé começa a pensar realmente nas implicações da mesma. Só quando a Igreja vê-se confrontada por perigosas heresias começa a tomar consciência das riquezas e maravilhas da ortodoxia. Uma característica do cristianismo é que possui riquezas inesgotáveis, e que pode tirar reluzir novas riquezas no encontro com situações novas.

Quando Paulo escreveu Colossenses não escreveu no vazio. Escreveu, como o vimos na Introdução, para enfrentar uma situação muito definida. Na Igreja primitiva existia uma corrente de pensamento que passou à história com o nome de gnosticismo. Seus adeptos eram denominados *gnósticos*, quer dizer, algo assim como *os intelectuais*. Estes homens estavam descontentes com o que consideravam a rude simplicidade do cristianismo e queriam convertê-lo numa filosofia, para alinhá-lo com as outras filosofias que dominavam a maturação.

Os gnósticos começavam com um pressuposto básico: a matéria é inteiramente má e o espírito é totalmente bom. Além disso, mantinham que a matéria era eterna, tinha existido sempre, e que dessa matéria defeituosa e má tinha sido criado o mundo. O cristão, para usar uma frase técnica, crê na criação do nada; os gnósticos criam na criação dessa matéria essencialmente má.

Agora, Deus é espírito e se o espírito for absolutamente bom e a matéria essencialmente má, cai-se em consequência, na doutrina gnóstica, de que o verdadeiro Deus não pode tocar a matéria. Sendo Deus absolutamente bom e a matéria fundamentalmente má, o próprio Deus não pode ser o agente da criação. Em consequência, os gnósticos pensavam que Deus emitia uma série de poderes, éons ou emanções. Cada uma destas emanções encontrava-se um pouco mais distante de Deus. Existia uma série infinita de emanções; a última, estava tão distante de Deus, que pôde tocar e manipular a matéria sem forma para criar e dar forma ao mundo. Assim, pois, o criador do mundo não era Deus, mas sim essa emanção distante de Deus.

Mas os gnósticos iam ainda mais longe. À medida que as emanções se apartavam cada vez mais de Deus, tornavam-se cada vez mais ignorantes de Deus. As emanções muito distantes não só o ignoravam, mas também eram hostis a Deus. Desta maneira os gnósticos chegavam à conclusão que a emanção que criou o mundo era ao mesmo tempo ignorante do Deus verdadeiro e hostil a Ele. Às vezes os gnósticos identificavam essa emanção ignorante e hostil com o Deus do Antigo Testamento, enquanto que o Deus do Novo Testamento era o Deus verdadeiro.

Tudo isto tem certas consequências lógicas.

(1) Segundo os gnósticos, o Deus criador não é o Deus verdadeiro: o criador ignora o Deus verdadeiro e lhe é hostil. O mundo é essencialmente mau; o mundo não é o mundo de Deus, mas sim de um poder hostil a Deus. Esta é a razão pela qual Paulo insiste em que Deus criou o mundo e que o agente de Deus na criação não é uma emanção

ignorante e hostil, mas sim Jesus Cristo seu Filho (Colossenses 1:16). A doutrina cristã sobre a atividade criadora de Jesus Cristo foi concebida para combater a doutrina gnóstica de um Deus criador ignorante e hostil.

(2) Para os gnósticos, Jesus Cristo não era de maneira alguma único. Vimos como postulavam toda uma série de emanções entre o mundo e Deus. Insistiam em que Jesus era só uma dessas emanções: um de tantos intermediários entre Deus e os homens. Podia estar colocado muito alto na série, até podia ser o mais alto, mas de maneira nenhuma único, mas sim só um da série, um de muitos. Paulo refuta isto insistindo em que em Jesus Cristo habita toda plenitude (Colossenses 1:19); nEle está a plenitude da Deidade em forma corporal (Colossenses 2:9). Um dos objetivos supremos de Colossenses é insistir em que Jesus Cristo não é um da série, um entre muitos, não é uma revelação parcial de Deus, mas sim absolutamente único e que nEle encontra-se a totalidade de Deus, a plenitude divina.

(3) A consideração gnóstica conduz a outra conseqüência em pensamento sobre Jesus. Se a matéria for absolutamente má, conseqüentemente o corpo é totalmente mau. Se o corpo for absolutamente mau, segue-se que Aquele que era a revelação de Deus não podia ter tido um corpo real, não pôde ter sido de verdadeira carne e sangue como nós, não pôde ter tido uma verdadeira humanidade. Não era mais que um fantasma espiritual em forma corporal. Os gnósticos negavam completamente a humanidade verdadeira e real de Jesus. Para eles Jesus era um espírito que adotou forma corporal. Em seus próprios escritos diziam, por exemplo, que quando Jesus caminhava não deixava rastros na terra porque não tinha um corpo real de carne e sangue. Esta é a razão pela que Paulo usa em Colossenses uma fraseologia tão surpreendente. Diz que Jesus reconcilia ao homem com Deus *em seu corpo de carne* (Colossenses 1:22); que a plenitude da divindade habita nEle *corporalmente*. Em oposição à idéia gnóstica de um Jesus fantasma Paulo insistia na humanidade de carne e sangue do Filho de Deus.

(4) A tarefa do homem é achar seu caminho a Deus. Segundo os gnósticos, o caminho a Deus está obstruído. Entre este mundo e Deus há uma série inumerável de emanções. Antes que a alma possa elevar-se a Deus deve passar por cada uma dessas emanções. Tem que escalar, por assim dizer, uma escada interminável e em cada degrau da escada há um poder adverso que faz barreira. Para passar cada barreira se requer um conhecimento especial e uma senha particular. Em sua ascensão ao Eterno a alma tem necessidade de equipar-se inteiramente de conhecimentos e de toda sorte de contra-senhas. Os gnósticos pretendiam brindar essas contra-senhas e esses conhecimentos. Isto significava duas coisas.

(a) Que a salvação é um *conhecimento intelectual*, o que Paulo refuta insistindo em que a salvação não é conhecimento, mas sim *redenção e perdão dos pecados*. Os mestres gnósticos sustentavam que as assim chamadas verdades simples do evangelho não eram de modo algum suficientes. Para achar o caminho a Deus a alma necessitava muito mais; necessitava o complicado conhecimento e as contra-senhas secretas que só o gnosticismo podia brindar. Paulo insiste em que o cristianismo não é conhecimento, é redenção; e não faz falta mais que as verdades salvadoras do evangelho de Jesus Cristo.

(b) Deve ficar claro que se a salvação depende de um conhecimento complicado, não é para todos. Só pode ser para o intelectual, porque está muito longe da capacidade mental da pessoa simples. Desta maneira os gnósticos dividiam a humanidade em espirituais e terrenos; só os espirituais podiam de fato ser salvos. A salvação plena estava absolutamente mais além do alcance do homem comum. O gnosticismo estava baseado numa aristocracia intelectual da qual o homem comum estava excluído. Tendo tudo isto em mente, Paulo escreveu o importante versículo de Colossenses 1:28. Tinha o propósito de admoestar a *todo homem*, de ensinar a *todo homem* e apresentar assim a *todo homem* perfeito em Jesus Cristo. Em face de uma salvação possível só para uma limitada minoria espiritual, Paulo apresenta um evangelho que é para

todo homem, seja simples e indouto, ou sábio e erudito. Os gnósticos pregavam a salvação para uma casta limitada; Paulo pregava a salvação para todos.

Estas eram, pois, as grandes doutrinas gnósticas. Enquanto estudamos esta passagem e nos dedicamos à análise de toda a Carta, devemos ter presente este exponho porque só em contraposição a esta doutrina faz-se inteligível e pertinente a linguagem de Paulo.

O QUE JESUS CRISTO É EM SI MESMO

Colossenses 1:15-23 (continuação)

Nesta passagem Paulo diz duas coisas importantes sobre Jesus. Ambas como resposta aos gnósticos. Estes haviam dito que Jesus Cristo era só um de entre a multidão de intermediários; que por grande que fora só constituía uma revelação parcial de Deus.

(1) Paulo diz que Jesus Cristo é *a imagem* do Deus invisível (Colossenses 1:15). Aqui usa uma palavra e uma figura que evocariam toda classe de lembranças na mente de seus ouvintes. A palavra é *eikon* que se traduz corretamente por *imagem*. Agora, uma imagem pode referir-se, como o adverte Lightfoot, a duas coisas relacionadas entre si. Pode ser uma *representação*; mas uma representação se for suficientemente perfeita, pode constituir-se numa *manifestação*. Quando Paulo usa esta palavra dá por sentado que Jesus é a perfeita manifestação de Deus. Se queremos ver a que Deus se assemelha devemos contemplar a Jesus que representa perfeitamente a Deus e o manifesta aos homens com toda perfeição em forma que pode ser visto, conhecido e entendido. Mas o que está atrás desta afirmação é o que a torna um interesse fascinante.

(a) O Antigo Testamento e os livros intertestamentários têm muito material sobre a *sabedoria*. Em Provérbios as grandes passagens sobre a sabedoria se encontram nos capítulos 2 e 8. Aqui diz-se que a sabedoria é coeterna com Deus e que esteve com ele quando a criação do mundo.

Agora, na Sabedoria de Salomão 7:26 diz-se com o mesmo termo que a sabedoria é a *imagem* da bondade de Deus. É como se Paulo se voltasse para os judeus e lhes dissesse: "Durante toda sua vida vocês pensaram, sonharam e escreveram a respeito da sabedoria; esta sabedoria divina é tão antiga como Deus; é a que fez o mundo e dá sabedoria aos homens. Em Jesus Cristo esta sabedoria veio aos homens em forma corporal para ser vista por todos". Jesus é o cumprimento dos sonhos e aspirações do pensamento judeu.

(b) Os gregos estavam obcecados pela idéia do *Logos*: a palavra, a razão de Deus. O *Logos* era aquele que criou o mundo e introduziu sentido no universo, aquele que mantinha os astros em seu curso, aquele que tinha feito o universo, aquele que fazia que as estações voltassem na ordem estabelecida, aquele que fazia que este mundo fora digno de confiança e seguro, aquele que colocava no homem uma mente pensante. Agora, esta mesma palavra *eikon* é usada várias vezes por Filo para o *Logos* de Deus. "Chama o *Logos* invisível e divino que só a mente pode perceber, a *imagem* (*eikon*) de Deus" (Filo: *Com respeito ao Criador do mundo*: 8). É como se Paulo dissesse aos gregos: "Nos últimos seis séculos vocês sonharam, pensaram e escreveram a respeito da razão, da mente, da palavra, do *Logos* de Deus; vocês o chamaram *eikon*; em Jesus Cristo este *Logos* se fez evidente para que todos o vissem. Seus sonhos e filosofias, suas especulações e aventuras de pensamento fizeram-se verdade nele".

(c) Com estas conexões da palavra *eikon* nos movemos no mais alto domínio do pensamento onde só os filósofos se movem familiarmente. Mas há duas conexões muito mais simples que iluminam imediatamente os que ouvem ou lêem isto pela primeira vez. Suas mentes se remontam à história da criação. O relato antigo fala ali da culminação do ato da criação. "Deus disse façamos o homem à nossa *imagem*". "E criou Deus o homem à sua *imagem*, à *imagem* de Deus o criou" (Gênesis 1:26-27). Aqui há algo que arroja luz. O homem foi feito para ser nada menos que a *eikon*, a imagem de Deus, porque em Gênesis figura o mesmo termo.

Isso é o que o homem estava destinado a ser mas irrompeu o pecado e o homem jamais obteve seu destino, e se produziu uma trágica desordem em tudo. Aplicando esta palavra Jesus, Paulo diz de fato: "Olhem a este Jesus; ele não só mostra o que é Deus, mas também *o que o homem estava destinado* a ser. Aqui está a humanidade tal como Deus a concebe. Jesus é a perfeita manifestação de Deus e a perfeita manifestação do homem". Aqui encontramos em Jesus Cristo o que poderíamos chamar uma dupla revelação: a revelação da divindade e a revelação da humanidade.

(d) Mas finalmente chegamos a algo muito mais simples que todo o visto. E não há dúvida de que muitos dos leitores mais singelos de Paulo pensaram nisto. Até no caso de que não conhecessem nada da literatura sapiencial, nem de Filo, nem do relato de Gênesis, sabiam uma coisa. A palavra *eikon* — algumas vezes em seu forma diminutiva *eikonion* — era a que se usava em grego para *retrato*.

Existe uma carta em papiro de um soldado jovem chamado Aipo a seu pai Epímaco. Ao chegar no fim diz: "Mando-lhe um pequeno retrato (*eikonion*) meu pintado por Euctemón". Trata-se do equivalente mais próximo da Grécia antiga à nossa moderna palavra *fotografia*. Mas esta palavra tem ainda outro uso. Quando se fechava um documento legal — tal como um recibo ou um nota promissória — sempre incluía a descrição das características principais e marcas distintivas das partes contraentes para eliminar toda possibilidade de evasão ou engano. A palavra grega para tal descrição é *eikon*. O *eikon* consistia assim numa espécie de sumário breve com as características pessoais e marcas distintivas das partes contraentes. Assim, o que Paulo diz às pessoas mais singelas é: "Vocês sabem que quando entram num acordo legal se inclui neste um *eikon*, uma descrição pela qual podem ser reconhecidos. Jesus é o retrato de Deus e em Jesus Cristo vocês vêem nada menos que as características pessoais e as marcas distintivas de Deus. Se desejam saber como é Deus, olhem a Jesus".

Há, no mundo antigo, uma palavra de significado corrente (*eikon*), que nos diz quem e o que é Jesus Cristo.

(2) Paulo usa outro termo que está no versículo 19. Diz que Jesus Cristo é o *pleroma* de Deus. *Pleroma* significa *plenitude, totalidade*. Esta é a palavra que se requer para completar o quadro. Jesus não é simplesmente um esboço ou um resumo de Deus; é mais que um retrato inanimado de Deus. NEle nada fica excluído: é a revelação plena e final de Deus em tal medida que não é necessário adicionar nada mais.

JESUS CRISTO DIANTE DA CRIAÇÃO

Colossenses 1:15-23 (continuação)

Lembremos que segundo os gnósticos a criação tinha sido levada a cabo por um Deus inferior que desconhecia ao Deus verdadeiro e lhe era hostil. Segundo Paulo, o agente de Deus na criação é o Filho. Nesta passagem Paulo tem quatro coisas que dizer sobre o Filho em sua relação com a criação.

(1) É o primogênito de toda criação (Colossenses 1:15). Devemos procurar cuidadosamente dar com o sentido correto desta frase. Assim como soa pode significar que o Filho foi parte da criação, a primeira pessoa criada, o primeiro produto na criação divina. Mas no pensamento hebraico e grego a palavra *primogênito* (*prototokos*) tem um significado temporário só de uma maneira muito indireta. Deve-se notar duas coisas. Primogênito é muito usualmente um título de *honra*. Israel, por exemplo, é, como nação, o filho primogênito de Deus (Êxodo 4:22). O significado desta frase é que a nação de Israel é o filho eleito, o mais honrado e favorecido de Deus. Em segundo lugar primogênito é título do Messias. No salmo 89:27 — tal como o interpretavam os próprios judeus — a promessa com respeito ao Messias era: "Eu também lhe porei por primogênito, o mais excelso dos reis da Terra." Evidentemente a palavra *primogênito* não é usada ali em sentido temporário, mas no sentido de uma honra particular. Portanto, quando Paulo diz do Filho, que é o

primogênito de toda a criação, afirma que a mais alta honra que possui a criação pertence ao Filho; a Ele Deus deu um lugar e uma honra que são completamente únicos. Se desejamos adotar o sentido temporário combinando-o com o de honra poderíamos traduzir a frase assim: "Ele foi engendrado antes de toda a criação."

(2) Por meio do Filho foram criadas todas as coisas (versículo 16). Isto é verdade das coisas que estão nos céus e na Terra, visíveis e invisíveis. Os próprios judeus e mais ainda os gnósticos têm um sistema extremamente desenvolvido e elaborado de anjos. Segundo os gnósticos só se devem ter em consideração a longa série de intermediários entre o homem e Deus. Tronos, senhorios, potestades e autoridades eram diferentes graus de anjos que tinham seus lugares nas diferentes esferas dos sete céus. Paulo despreza tudo isto com uma indiferença total. Diz com efeito aos gnósticos: "Em seus pensamentos dão um lugar importante aos anjos. Apreciam a Jesus Cristo só como um desses anjos ou um desses poderes celestiais. Longe de ser um deles, Ele os criou. Está tão acima deles como o Criador o está acima da criatura." Desta maneira Paulo expressa que o agente de Deus na criação não é um Deus inferior, ignorante e hostil mas sim o próprio Filho.

(3) Pelo Filho foram criadas todas as coisas (versículo 17). O Filho não só é o agente da criação; também é a meta e o fim da mesma. Quer dizer, a criação foi criada para ser dEle e para lhe render honra e glória. A criação foi criada pelo Filho e foi para que finalmente fosse dEle, e para que com sua adoração e em seu amor dê honra e alegria ao Filho. O mundo foi criado para que em última instância pertença a Jesus Cristo.

(4) Paulo usa a estranha frase: "Nele, tudo subsiste." Isto significa que o Filho é no começo o agente da criação; no fim, a meta, e entre o começo e o fim, durante o tempo tal como o conhecemos, o Filho é aquele que dá consistência ao mundo. Quer dizer, todas as leis pelas quais todo mundo é uma ordem e não um caos são a expressão da mente do Filho. A lei da gravidade e as assim chamadas leis científicas não são só leis científicas, mas sim leis divinas. São as leis que dão sentido ao

universo. As leis fazem que este mundo seja digno de confiança e seguro. Toda lei da ciência ou da natureza é de fato uma expressão do pensamento divino. É por estas leis, e portanto pela mente de Deus, que o universo tem consistência e não se desintegra num caos.

Assim, pois, o Filho é o princípio e o fim da criação, e o poder que lhe dá consistência. É o Criador, o Sustentador e a Meta final do mundo.

JESUS CRISTO COM RELAÇÃO À IGREJA

Colossenses 1:15-23 (continuação)

Paulo expressa agora, no versículo 18, o que Jesus Cristo é para a Igreja. Neste versículo distingue quatro grandes atos na relação de Jesus com a Igreja.

(1) É *a cabeça do corpo*, isto é, da Igreja. A Igreja é o corpo de Cristo, quer dizer, é o organismo através do qual Cristo opera e que participa de todas as experiências de Cristo. Mas falando humanamente o corpo é servo da cabeça, da mente e do cérebro; move-se ao mandato da cabeça; sem a cabeça é impotente por si mesmo e está morto. Jesus Cristo é, pois, o espírito que guia, dirige e domina à Igreja. Cada palavra e ação da Igreja devem ser ordenados e dirigidos por Ele; a Igreja deve viver e mover-se a seu mandato. Sem Ele a Igreja não pode pensar a verdade nem operar corretamente; sem Ele não pode decidir o caminho que tem que empreender. O pensamento e a ação da Igreja devem estar sob o governo, a guia e direção de Jesus Cristo. Aqui se combinam dois pensamentos. A idéia de *privilégio*: é privilégio da Igreja ser o instrumento mediante o qual Cristo opera. E a idéia de *admoestação*: se um homem descuidar seu corpo ou abusa dele, pode fazê-lo inadequado para servir aos grandes esboços e propósitos de sua mente e cérebro; desta maneira por uma vida indisciplinada e descuidada a Igreja pode converter-se num instrumento imprestável para Cristo que é a cabeça.

(2) Ele é o *princípio da Igreja*. A palavra grega para princípio é *arque*. Este substantivo tem um duplo sentido. Não só significa primeiro

no sentido temporário, como, por exemplo, **A** é o princípio do alfabeto e **1** o princípio dos números. Significa primeiro no sentido de poder ordenador, de fonte da qual algo provém. É o poder que põe algo em movimento. Veremos claramente aonde Paulo quer chegar se lembramos o que acaba de dizer. *O mundo é a criação de Cristo e a Igreja é a nova criação de Cristo.*

Ela é sua nova criação
pela água e pela Palavra.

Assim, pois, Jesus Cristo é a fonte da vida e da existência da Igreja; aquele que dirige a atividade contínua da Igreja.

(3) É o *primogênito dentre os mortos*. Paulo retrocede aqui ao acontecimento que era o próprio centro de todo o pensamento, de toda a fé e de toda a experiência da Igreja primitiva: o acontecimento da ressurreição. Este Cristo não é alguém que viveu e morreu e do qual lemos e aprendemos. É alguém que pela ressurreição vive para sempre, com quem nos encontramos e de quem temos experiência. Cristo não é um herói morto ou um fundador do passado, mas sim uma presença viva.

(4) Como resultado de tudo *tem a preeminência em todas as coisas*. A ressurreição de Jesus Cristo é seu título ao senhorio supremo. Por sua ressurreição mostrou que venceu todo inimigo e todo poder adverso e não há nada na vida ou na morte que possa sujeitá-lo ou contê-lo. O triunfo final de sua ressurreição lhe deu o direito de ser o Senhor de tudo.

Estamos assim perante quatro grandes atos sobre Jesus Cristo e sua relação com a Igreja, que agora podemos pôr em ordem. Ele é o Senhor da vida; a fonte e a origem da Igreja; aquele que dirige constantemente à Igreja; o Senhor de todo em virtude de sua vitória sobre a morte.

JESUS CRISTO EM RELAÇÃO COM TODAS AS COISAS

Colossenses 1:15-23 (continuação)

Nos versículos 19 e 20 Paulo consigna certas verdades importantes sobre a obra de Cristo com respeito ao universo inteiro.

(1) O objeto de sua vinda foi a *reconciliação*. Veio para corrigir a brecha e salvar o abismo entre Deus e o homem. Advirtamos com clareza, e jamais esqueçamos, que a iniciativa da reconciliação foi de Deus. O Novo Testamento jamais fala de Deus reconciliado com os homens, mas sim sempre dos homens reconciliados com Deus. A atitude de Deus em torno dos homens foi sempre e incessantemente de amor.

Às vezes se prega uma teologia segundo a qual a obra de Jesus Cristo mudou a atitude de Deus: Deus teria condenado aos homens se não fosse pela ação de Jesus; Jesus mudou a ira de Deus em amor. No Novo Testamento não se justifica este ponto de vista. Deus foi aquele que começou todo o processo da salvação e reconciliação. Deus foi quem amou o mundo de tal maneira que enviou seu Filho. O único objeto de enviar o Filho ao mundo foi recuperar para si os homens e, como diz Paulo, reconciliar todas as coisas consigo.

(2) O meio da reconciliação *foi o sangue de sua cruz*. A dinâmica da reconciliação é a morte de Jesus Cristo. O que é o que Paulo entende com isto? Exatamente o que disse em Romanos 8:32: “Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?” Na morte de Jesus, Deus nos diz: "Eu os amo desta maneira. Eu os amo até o extremo de ver meu Filho sofrer e morrer por vocês. Eu os amo tanto que levo a cruz em meu coração se com isto posso ganhá-los para mim." A cruz é a prova de que não existe extremo ao qual o amor de Deus se negue a ir para ganhar os corações dos homens. A cruz é o meio de reconciliação porque é a prova final do amor de Deus. E um amor deste alcance exige uma resposta de amor. Se a cruz não desperta o amor e a admiração no coração do homem, nada poderá obtê-lo.

(3) Devemos assinalar um ponto na forma em que Paulo define a meta da reconciliação. Diz que em Cristo Deus reconcilia todas as coisas consigo. Em grego é um neutro (*panta*). Agora, isto significa que a reconciliação de Deus não só se estende a todas as pessoas, mas também a toda a criação, animada e inanimada. A visão de Paulo é a de um

universo redimido; um universo no qual não só as pessoas, mas também as coisas fossem redimidas.

Estamos diante de uma idéia maravilhosa. Deve significar que o amor de Deus opera em cada parte e partícula do universo criado. Não há dúvida de que Paulo pensa aqui nos gnósticos. Lembraremos que estes consideravam a matéria como essencial e irremediavelmente má; portanto o mundo é mau. Mas segundo Paulo, o mundo não é mau. O mundo é de Deus e participa da reconciliação universal. Aqui há uma lição e uma advertência. Com muita freqüência houve no cristianismo certa suspicácia e reserva com respeito ao mundo. "A Terra é um deserto lúgubre." Com muita freqüência os cristãos consideraram mau ao mundo. Lembremos a história daquele puritano que com o passar do caminho tinha escutado a afirmação: "Esta é uma bela flor." Respondeu: "aprendi a não chamar belo a nada neste mundo perdido e pecaminoso." Longe de ser uma atitude cristã, esta é de fato uma heresia, pois essa era a atitude dos hereges gnósticos que ameaçavam destruindo a fé. O mundo é de Deus e está redimido, porque de uma maneira admirável Deus estava em Cristo reconciliando a todo o universo dos homens, das criaturas vivas e até dos objetos inanimados.

(4) A passagem termina com uma frase breve mas curiosa. Paulo diz que esta reconciliação se estende não só às coisas da Terra, mas também às dos céus. Como se concebe uma reconciliação das coisas e dos seres celestiais? A passagem desafia o pensamento e o engenho de muitos comentaristas. Lancemos uma olhada a algumas das explicações.

(a) Sugeriu-se que até os lugares celestiais e os anjos estão sob o pecado e precisam ser redimidos e reconciliados com Deus. Em Jó lemos: "Até nos seus anjos ele encontra defeitos" (Jó 4:18, NTLH); "Nem os céus são puros aos seus olhos" (Jó 15:15). Por isso sugeriu-se que até os seres celestiais necessitariam da reconciliação da cruz.

(b) Orígenes, o grande universalista, pensou que a frase não se refere a outra coisa senão ao demônio e a seus anjos. Orígenes — que foi um dos maiores e mais ousados pensadores que a Igreja teve jamais —

pensava que enfim até o demônio com todos os seus anjos seriam reconciliados com Deus pela obra de Jesus Cristo.

(c) Sugeriu-se que quando Paulo disse que a obra reconciliadora de Cristo se estendia a todas as coisas da Terra e dos céus não estava pensando em algo definido e preciso, mas sim que se trata de uma frase grandiosa e sonora que expressa a cabal suficiência da obra reconciliadora de Cristo. Segundo esta interpretação é um engano querer encontrar um significado preciso às palavras; deve ser apenas considerada como uma frase retórica.

(d) A sugestão mais interessante foi feita por Teodoreto, e Erasmo a adotou. Ele sugeriu que os anjos celestiais não foram reconciliados com Deus, mas com os *homens*. Os anjos estavam zangados com os homens pelo comportamento destes para com Deus: ofendidos pela rebelião e desobediência dos homens, buscavam a destruição destes. Mas a obra de Cristo eliminou a ira dos anjos, quando viram o quanto Deus tinha amado os homens.

Seja qual for a verdadeira interpretação, o certo é que o único desejo de Deus foi a reconciliação dos homens consigo em Jesus Cristo. O meio para que isto fosse levado a cabo foi a morte de Cristo que demonstrou que seu amor era ilimitado. E esta reconciliação se estende a todo o universo: tanto à Terra como aos céus.

O PROPÓSITO E A OBRIGAÇÃO DA RECONCILIAÇÃO

Colossenses 1:15-23 (continuação)

Nos versículos 21 a 23 se expressa a finalidade e a obrigação da reconciliação.

(1) A finalidade da reconciliação é a *santidade*. Cristo levou a cabo sua obra sacrificial de reconciliação para nos apresentar a Deus consagrados, imaculados e irrepreensíveis. Mas é fácil tergiversar a idéia do amor de Deus. É fácil dizer: "Bem, se Deus me ama de tal maneira e não deseja outra coisa senão esta reconciliação, então o pecado não

importa. Posso fazer o que eu quiser; Deus ainda assim me amará." Mas o certo é precisamente o contrário. O fato de que um homem, seja amado não lhe dá carta branca para que faça o que queira mas sim cai sobre seus ombros a maior obrigação do mundo: a de fazer-se digno desse amor. Em certo sentido o amor de Deus facilita as coisas, porque tira o medo a Deus, e já não somos criminosos no banco dos réus, cuja única certeza é a de ser condenados. Mas em outro sentido faz com que as coisas sejam de uma dificuldade que beira o impossível e angustiante, porque coloca sobre nossos ombros a obrigação última de buscar ser dignos do amor de Deus.

(2) A reconciliação implica outra obrigação: a de nos manter firmes na fé e jamais perder ou abandonar a esperança do evangelho, a reconciliação exige lealdade; e que através de luzes e sombras nunca percamos a confiança no amor de Deus. Da maravilha da reconciliação nascem a fortaleza de uma lealdade inamovível e o esplendor de uma esperança.

O PRIVILÉGIO E A TAREFA

Colossenses 1:24 29

Paulo começa esta passagem com um pensamento ousado. Pensa que os padecimentos e a prisão que está sofrendo encham e completam os padecimentos do próprio Jesus Cristo. Jesus morreu para salvar a sua Igreja mas esta deve construir-se e difundir-se, deve manter-se forte, pura e fiel. Portanto, quem quer servir à Igreja ampliando suas fronteiras, implantando a fé e salvando-a de enganos, realiza a obra de Cristo. E se tal serviço envolve sofrimento, dor e sacrifício, essa aflição está cumprindo e compartilhando os mesmos sofrimentos de Cristo. Sofrer no serviço de Cristo não é um castigo, mas sim um privilégio e uma honra, porque é participar de sua obra

Aqui Paulo refere-se à própria essência da tarefa que lhe fora conferida por Deus. Essa tarefa consistia em comunicar aos homens um

novo descobrimento, um segredo conservado através de idades e gerações e intrincado agora. Esse descobrimento e esse segredo eram que a glória e a esperança do evangelho não só era para os judeus senão para todos os homens em todas as partes. Esta foi a grande contribuição de Paulo à fé cristã: levou a Cristo aos gentios. Destruiu para sempre a idéia de que Deus e seu amor e sua misericórdia fossem propriedade de um só povo e de uma só nação. Confrontou os homens com a convicção de que Cristo é tanto para os gentios como para os judeus. Por isso Paulo é, num sentido particular, nosso santo e nosso apóstolo, porque se não tivesse sido por ele, o cristianismo poderia ter-se convertido nada mais que num novo judaísmo e nós e os demais gentios nunca o teríamos recebido.

Paulo estabelece agora seu grande propósito admoestar a *todo homem*, ensinar a *todo homem*, apresentar a *todo homem* perfeito em Cristo. Este é o sonho do próprio Deus, um sonho novo.

O *judeu* nunca teria estado de acordo em que Deus dispensasse o mesmo trato a todos os homens, ter-se-ia negado a aceitar a idéia de que Deus fosse o Deus dos pagãos. Aos ouvidos judeus era incrível e até blasfemo que Deus amasse a todos os homens, que todo homem deveria ser apresentado perante Deus. O *gnóstico* nunca teria estado de acordo em que todo homem pudesse ser admoestado, ensinado e apresentado perfeito perante Deus. Como vimos, eles requeriam para a salvação um conhecimento tão elaborado e dificultoso que só podia ser possessão de uma aristocracia espiritual e de uma minoria escolhida.

E. J. Goodspeed cita uma passagem do Walter Lipman em seu *Preface to Morais*: "Até agora não apareceu nenhum mestre suficientemente sábio para saber ensinar sua sabedoria a todos os homens. De fato os grandes mestres não tentaram nada tão utópico. Tinham absoluta consciência de quão difícil é a sabedoria para a maioria dos homens e confessavam francamente que a vida perfeita era para uma minoria seleta. De fato pode-se argüir que a mesma idéia de ensinar a sabedoria mais elevada a todos os homens é uma noção recente de uma época humanitária e romanticamente democrática, e que é inteiramente

estranha ao pensamento dos grandes mestres." O certo é que os homens sempre estiveram de acordo — tácita ou abertamente — em que a sabedoria não é para todos.

O fato é que a única coisa destinado a todos os homens neste mundo é Cristo. Nem todos podem chegar a ser pensadores. Há dons que não são concedidos a todos. Nem todos podem dominar todos os trabalhos, nem mesmo todos os jogos. Há aqueles que são cegos para as cores e para aqueles que a formosura da arte nada significa. Há aqueles que carecem de ouvido musical, para aqueles que não existe a glória da música. Nem todos podem ser escritores ou estudantes ou pregadores ou cantores ou oradores. Até o amor humano em sua mais alta expressão não está concedido a todos. A única coisa que é de verdade para todos é Jesus Cristo. Há dons que um homem jamais chegará a possuir; privilégios que jamais chegará a desfrutar; alturas de logros mundanos que jamais chegará a escalar. Mas a todo homem está aberta a boa nova do evangelho, o amor de Deus em Jesus Cristo nosso Senhor e o poder transformador que santifica a vida.

Colossenses 2

A luta do amor - 2:1-2

Os traços característicos da Igreja fiel (1) - 2:2-7

Os traços característicos da Igreja fiel (2) - 2:2-7 (cont.)

O que se agregava a Cristo - 2:8-23

As tradições e os astros - 2:8-10

A circuncisão real e a irreal - 2:11-12

Um perdão triunfal - 2:13-15

O retrocesso - 2:16-23

A LUTA DO AMOR**Colossenses 2:1**

Aqui se levanta por um momento o pano de fundo e assistimos a uma fugaz mas penetrante manifestação do coração de Paulo. Estava livrando uma luta por aqueles cristãos que jamais tinha visto mas aos que amava.

Reúne os cristãos de Laodicéia com os colossenses e fala de todos aqueles que jamais haviam visto seu rosto. Pensa no grupo das três populações do vale do Lico: Laodicéia, Hierápolis e Colossos estreitamente ligadas entre si. Laodicéia e Hierápolis estavam à vista uma de outra a ambos os lados do vale com o rio Lico de por meio e a uma distância de mais de uns dez quilômetros. Paulo está pensando nos grupos cristãos que se encontram nesta área de três povos e aos que imagina com o olho de sua mente.

A palavra que usa para *luta* é muito gráfica: é a palavra *agón*, da qual provém nossa palavra *agonia*. Paulo está travando uma dura batalha por seus amigos. Devemos lembrar onde se encontrava quando escrevia a Carta: estava prisioneiro em Roma à espera do juízo e perante quase segura condena. Qual era então sua luta?

(1) Era uma luta em oração. Paulo deve ter ansiado ir em pessoa a Colossos para enfrentar-se com os falsos professores, tratar seus argumentos e chamar os que se desviavam da fé. Mas estava na prisão. Para ele tinha chegado o tempo em que não podia fazer outra coisa senão orar. O que não podia fazer por si mesmo devia deixá-lo a Deus. Por isso Paulo lutava em oração por aqueles que não podia ver. Quando o tempo, a distância e as circunstâncias nos separam dos que desejamos ajudar, sempre fica um caminho para obter o mesmo: lutar por eles em oração.

(2) Mas bem pode ser que na mente de Paulo se travou outra batalha. Paulo era um ser humano com todos os problemas normais do homem. Estava na prisão e à espera de um juízo perante Nero. E o resultado quase seguro era a morte. Teria sido muito fácil acovardar-se e

abandonar a verdade por motivos de segurança. Teria sido muito fácil ele falhar com Jesus Cristo e abandonar sua causa. Paulo sabia bem que tal deserção e fracasso teria sido de conseqüências desastrosas. Se as Igrejas jovens tivessem suposto que Paulo tinha fracassado, traído e negado a Cristo se teriam desanimado, sua capacidade de resistência se teria esgotado e para muitos teria significado o fim do cristianismo. Paulo não lutava só por si mesmo mas também por causa daqueles que tinham os olhos fixos nele, considerando-o seu guia e pai na fé. Lembremos que em cada situação há muitos que estão nos observando e nossa ação confirmará ou destruirá sua fé. Na vida nunca lutamos só por nós mesmos; sempre temos em nossas mãos a honra de Cristo, e a fé de outros está a nosso cuidado.

OS TRAÇOS CARACTERÍSTICOS DA IGREJA FIEL (1)

Colossenses 2:2-7

Aqui está a oração de Paulo pela Igreja, e nela podemos distinguir alguns rasgos importantes que caracterizam a uma Igreja cheia de vida e fiel.

(1) Deve ser uma Igreja de cristãos de *coração valoroso*. Paulo ora por que seus corações sejam *consolados*. A palavra que usa é *parakalein*. Às vezes o termo significa *consolar*, outras *exortar*, mas sempre atrás desta palavra está a idéia de fazer com que uma pessoa seja capaz de enfrentar com confiança e coragem uma situação difícil. Um dos historiadores gregos usa esta palavra do modo mais interessante e sugestivo.

Certo regimento grego que tinha perdido o ânimo, estava desalentado e completamente abatido. O general enviou a um líder para que falasse com o regimento e fizesse renascer a coragem, e um corpo dá homens desalentados voltou a ser um corpo de homens dispostos à ação heróica. Isto é o que significa aqui *parakalein*. Paulo ora para que a

Igreja seja repleta com essa coragem que pode enfrentar heroicamente qualquer situação.

(2) Deve ser uma Igreja em que seus membros estejam intimamente *unidos em amor*. Sem amor não pode existir a igreja; o sistema de governo eclesiástico não tem importância; o ritual da Igreja carece igualmente de importância. São coisas que podem mudar de tempo em tempo e de um lugar a outro. A única característica que deve distinguir à verdadeira Igreja é o amor a Deus e aos irmãos. Quando morre o amor, morre a Igreja. Quando existe o amor a Igreja é forte porque quando há amor está Jesus Cristo, o Senhor do amor.

(3) Deve ser uma Igreja *rica em pleno entendimento*. Paulo usa aqui três palavras para entendimento.

(a) No versículo 2 usa a palavra *synesis* que se traduziu *entendimento*. Já vimos que *synesis* é o que poderíamos chamar *conhecimento critico*; é a capacidade para aplicar os primeiros princípios a uma situação dada; a capacidade assegurada para avaliar toda situação e decidir qual é o curso prático da intervenção que se requer. Uma verdadeira Igreja terá o conhecimento prático do que tem que fazer quando deve agir.

(b) Diz que em Jesus estão escondidos todos os tesouros da *sabedoria* e do *conhecimento*. Sabedoria é *sofia* e conhecimento *gnosis*. Estas duas palavras não são simples repetição; há uma diferença. *Gnosis* é o poder de apreender a verdade; de captar a verdade quando a vemos e de entendê-la quando irrompe na mente. É quase intuitiva e instintiva. Mas *sofia* é o poder de manter, confirmar e exaltar a verdade uma vez captada intuitivamente, com uma argumentação e apresentação sábias e inteligentes. Pela *gnosis* o homem capta a verdade; a *sofia* o capacita para dar razão da esperança que há nele.

Assim, pois, a Igreja verdadeira possui uma sabedoria que pode agir da melhor maneira possível numa situação dada; uma sabedoria segura e perspicaz, não cegada pelo preconceito ou pela ignorância. Tem a sabedoria que pode instintivamente reconhecer e apegar-se à verdade

quando a vê e a ouve. Tem também uma sabedoria que pode fazer com que a verdade seja inteligível para a mente que pensa e que pode transmitir sábia e persuasivamente a verdade aos outros.

Toda esta sabedoria — diz Paulo — está *escondida* em Cristo. A palavra que Paulo usa para escondido é *apokryfos*. O mesmo uso deste termo é um golpe certo dirigido aos gnósticos. A palavra *apokryfos* significa *oculto ao olhar comum* e, portanto, secreto. Vimos que os gnósticos criam que para a salvação era necessário um enorme caudal de elaborados e complicados conhecimentos. Conhecimentos que consignavam em livros que pela mesma razão chamavam *apokryfos* porque estavam escondidos e fora do alcance do homem comum e ordinário. Usando esta palavra Paulo diz: "Vocês, os gnósticos, têm sua sabedoria apartada, escondida e proibida para o homem comum; chamam-na *apokryfos*. Nós também temos nosso conhecimento; mas não está oculto em livros ininteligíveis; está guardado em Cristo e por isso fica aberto a todos os homens, estejam onde estejam." A verdade do cristianismo não é um segredo que fica escondido, mas sim um segredo que se revela.

OS TRAÇOS CARACTERÍSTICOS DA IGREJA FIEL (2)

Colossenses 2:2-7 (continuação)

(4) A Igreja verdadeira deve *poder resistir contra as palavras persuasivas*. Deve ser tal que não possa ser defraudada com *palavras persuasivas*. *Palavras persuasivas* é a tradução do termo grego *pithanologia*. O termo pertencia à linguagem dos tribunais de justiça; indicava o poder persuasivo dos argumentos do advogado, o tipo de argumentos que podem fazer com que o mal apareça como a melhor razão, que o criminal escape ao justo castigo; o poder que podia arrastar uma assembléia até segui-la por caminhos torcidos. A Igreja verdadeira deve estar de posse da verdade de forma tal que nunca dê ouvidos a argumentos enganosos ou sedutores.

(5) A Igreja verdadeira tem *uma disciplina militar*. Paulo alegra-se em saber da *ordem* e da *firmeza* dos colossenses vivendo em sua fé. Estes dois termos apresentam um quadro gráfico, porque pertencem à linguagem militar. A palavra traduzida *ordem* é *táxis*, que significa *fila* ou disposição ordenada. A Igreja deve assemelhar-se a um exército ordenado fila após fila, cada homem em seu devido lugar e disposto a pôr por obra a voz de mando. A palavra traduzida *firmeza* é *stereoma* que significa *baluarte sólido*, *falange* incomovível. Descreve a um exército apostado numa formação que é inquebrantável e incomovível perante a carga inimiga. Dentro da Igreja deve dar-se uma ordem disciplinada e uma firmeza incomovível semelhante à ordem e a firmeza de um exército bem disciplinado.

(6) Na Igreja verdadeira *a vida deve estar em Cristo*. Seus membros devem caminhar em Cristo; a vida deve viver-se conscientemente na presença de Cristo. Os cristãos devem estar *arraigados* e ser *sobreedificados nEle*. Aqui estamos perante duas imagens. A palavra usada para *arraigados* é a que se tira da idéia de árvore de raízes profundamente metidas na terra. A palavra *sobreedificados* é a que corresponde a uma casa levantada sobre alicerces profundos e firmes. Assim como uma árvore se arraiga profundamente para extrair seu sustento, assim o cristão deve arraigar-se em Cristo que é fonte de vida e de fortaleza. Assim como uma casa é firme porque está construída sobre fundamentos sólidos, também a vida cristã deve manter-se impertérrita contra toda tempestade porque está cimentada não na força humana, mas na força de Cristo. Cristo é a força da vida cristã e o fundamento da estabilidade cristã

(7) A Igreja verdadeira *mantém com firmeza a fé que recebeu*. Nunca esquece o ensino que recebeu sobre Cristo e a fé em que foi doutrinada. Deve-se notar que isto não significa uma fria ortodoxia em que toda mudança e toda aventura do pensamento é uma heresia. Somente devemos lembrar como em Colossenses Paulo revela esboços inteiramente novos de seu pensamento sobre Jesus Cristo, para ver quão

longe está dessa intenção. O que significa é o seguinte: há certas verdades que permanecem como fundamento da fé e que não mudam. Paulo podia lançar-se por novos atalhos e avenidas de pensamento, mas sempre começava e terminava com a verdade invariável de que Cristo é o Senhor.

(8) O rasgo distintivo da Igreja fiel é uma *profunda e elusiva gratidão*. A ação de graças é a nota constante e característica da vida cristã. Como disse J. B. Lightfoot: "A ação de graças é o fim de toda conduta humana, quer a observe em palavras, quer em obras." A única preocupação do cristão é expressar com palavras e demonstrar com a vida sua gratidão a Deus por tudo o que Deus tem feito por ele na natureza e na graça.

Epicteto, esse escravo mirrado, velho e coxo, que não era cristão, chegou a ser um dos grandes mestres da moral no paganismo. Escreveu: "Que outra coisa posso fazer eu, um velho coxo, que cantar hinos a Deus? Se fosse um rouxinol cantaria como um rouxinol; se um cisne como um cisne. Mas sou um ser racional, portanto devo cantar hinos para louvar a Deus. Essa é minha tarefa. Faça-o assim e não abandonarei este posto enquanto me seja dado ocupá-lo; convido-os a que se unam comigo neste mesmo cântico". (Epicteto. *Discursos* 1 16 21).

O cristão louva sempre a Deus de quem procede toda bênção.

O QUE SE AGREGAVA A CRISTO

Colossenses 2:8-23

Sem lugar a dúvida esta é uma das passagens mais difíceis que Paulo jamais escreveu. Para os que o escutam ou o lêem pela primeira vez tudo parece perfeitamente claro. O problema consiste em que a princípio até o fim nos encontramos com alusões a uma doutrina falsa que ameaçava levar a Igreja colossense ao naufrágio. Não conhecemos precisamente e em detalhes no que consistia essa doutrina. Portanto as alusões são escuras e não há mais remédio que conjecturar e andar

tateando. Mas cada frase e cada sentença repercutiria diretamente na mente e os corações dos colossenses

É tão difícil nos propormos tratá-lo em forma um tanto distinta de nossa prática habitual. Extrairemos suas idéias principais porque nelas é possível perceber as grandes linhas da falsa doutrina que ameaçava a Colossos. Logo, e depois de obter esta visão de conjunto, examinaremos alguns detalhes em seções mais breves.

A única coisa que está claro é que os falsos mestres desejavam que os colossenses aceitassem o que poderia denominar-se *adicionados a Cristo*. Ensinavam que Jesus Cristo não é suficiente; que não era único; que era uma das muitas manifestações de Deus; que além de Cristo se requeria a adoração, o serviço e o reconhecimento dos assim chamados poderes divinos e angélicos. Podemos distinguir cinco adições a Cristo que propunham esses falsos professores.

(1) Queriam ensinar aos homens uma *filosofia* adicional (verso 8). Em seu critério a verdade pregada por Jesus e escrita no Evangelho não era suficiente. Devia ser preenchida, assistida e completada por um sistema elaborado de pensamento pseudo-filosófico em si muito difícil para o homem singelo e só ao alcance do intelectual.

(2) Queriam que os homens aceitassem um sistema de *astrologia* (versículo 8). Como o veremos há duvida sobre o significado da questão, mas pensamos que o mais provável é que os *rudimentos do mundo* sejam os espíritos elementares do universo e especialmente dos astros e planetas. De acordo com o ensino destes falsos professores os homens estavam ainda sob essas influências e poderes e necessitavam um conhecimento especial, mais além do que Jesus podia dar, para ser libertados desses poderes.

(3) Queriam impor a *circuncisão* aos cristãos (versículo 11). A fé não era suficiente; devia agregar-se a circuncisão. Um distintivo na carne devia substituir, ou ao menos ser um agregado à atitude do coração.

(4) Queriam estabelecer *regras e prescrições ascéticas* (versículos 16,20-23). Queriam introduzir toda classe de regras e prescrições sobre o

que um homem podia comer e beber e sobre os dias, festividades e jejuns que devia observar. Todas as antigas leis judias sobre a alimentação, todas as antigas prescrições judias e até outras mais, tinham que ser reassumidas.

(5) Queriam introduzir *o culto dos anjos* (versículo 18). Ensinavam que Jesus só era um dos muitos intermediários entre Deus e os homens e que todos estes deviam receber culto e serviço.

Pode-se advertir aqui uma mescla de gnosticismo e judaísmo. O conhecimento intelectual e a astrologia provêm diretamente do gnosticismo; o ascetismo e as regras e prescrições, do judaísmo. Acontecia o seguinte. Vimos que os gnósticos criam que para a salvação era preciso toda classe de conhecimentos e ensinamentos especiais, além do evangelho. Havia judeus que uniam seus forças aos gnósticos e declaravam que o conhecimento especial requerido não era outro senão aquele que o judaísmo podia oferecer. Isto explica por que a doutrina dos falsos mestres colossenses combinavam as crenças do gnosticismo com as práticas do judaísmo.

A única coisa certa é que os falsos mestres ensinavam que Jesus Cristo, sua obra e sua doutrina, não eram suficientes em si nem suficientes para a salvação. Consideremos agora a passagem seção por seção.

AS TRADIÇÕES E OS ASTROS

Colossenses 2:8-10

Paulo começa traçando um vívido quadro dos falsos mestres. Fala dos que queriam *enganá-los* (TB, prendê-los; B.J., escravizá-los). O termo que usa é *sylagogein* e poderia aplicar-se a um mercador de escravos que conduz a um povo de uma nação conquistada para levá-lo à escravidão. Para Paulo constituía algo estranho e trágico que os que tinham sido resgatados, redimidos e libertados (Colossenses 1:12-14) pudessem pensar submeter-se novamente a uma miserável escravidão.

Estes homens oferecem uma filosofia que declaram necessária como adição à doutrina de Cristo e às palavras do Evangelho.

(1) É uma filosofia *transmitida por tradição humana*. Os gnósticos pretendiam habitualmente que seu ensino particular tinha sido em realidade expresso verbalmente pelos lábios de Jesus, seja a Maria, seja a Mateus ou a Pedro. Diziam, efetivamente, que havia coisas que Jesus jamais havia dito às multidões e que só as tinham comunicado os poucos escolhidos. A acusação que Paulo faz a estes mestres é que o ensino que propugnam é humana; não tem garantia nem fundamento na Escritura. Trata-se de um produto da mente humana e não de uma mensagem da palavra de Deus. Falar desta maneira não significa incidir no fundamentalismo ou submeter-se à tirania da palavra escrita, mas sim sustentar que nenhuma doutrina pode ser cristã estando em contraposição com as verdades básicas da Escritura e da Palavra de Deus.

(2) É uma filosofia que tem que ver com os *rudimentos deste mundo*. Esta é uma frase muito discutida cujo significado ainda é duvidoso. A palavra para rudimentos (*stouqueia*) tem dois significados.

(a) *Stouqueia* significa literalmente coisas *que estão colocadas em fila*. Por exemplo, usa-se para uma fila de soldados. Mas um de seus significados mais comuns é de A B C, as letras do alfabeto, porque formam uma série que pode ordenar-se em fila. Agora, já que *stouqueia* pode significar as letras do alfabeto, também pode aplicar-se ordinariamente aos *rudimentos de alguma matéria*. Nós falamos ainda do A B C de uma matéria, referindo-nos a dar os primeiros passos nela. É possível que este seja aqui o significado. Paulo diria:

"Estes falsos doutores pretendem nos brindar um conhecimento muito avançado e profundo. De fato trata-se de um conhecimento rude e rudimentar, porque no melhor dos casos só consiste num mero conhecimento humano. O verdadeiro conhecimento, a verdadeira plenitude de Deus está em Jesus Cristo. Se escutarem a esses falsos mestres, longe de receber um conhecimento espiritual profundo e erudito não farão mais que retroceder à introdução rudimentar e enganosa que

faz tempo deveríeis ter deixado atrás." Bem pode ser que Paulo tenha querido dizer que escutar a assim chamada filosofia desses falsos mestres era um passo atrás e não adiante.

(b) Mas *stóiueia* tem outro significado. Indica os *espíritos elementares do mundo*, especialmente os dos astros e planetas. Até hoje há pessoas que tomam a sério a astrologia. Levam pingentes com os signos do zodíaco e lêem os horóscopos das revistas que lhes dizem o que está predeterminado nos astros. Mas para nós é quase impossível imaginar quão dominado estava o mundo antigo pela idéia da influência dos espíritos elementares e dos astros. A astrologia era portanto — por assim dizer — a rainha das ciências. Homens tão grandes como Júlio César e Augusto, tão cínicos como Tibério e tão capacitados como Vespasiano, não empreendiam nada sem antes consultar os astros. Alexandre Magno cria implicitamente na influência dos astros. Homens e mulheres criam que toda a sua vida estava fixada e preestabelecida pelos astros. Se um homem tinha nascido sob um astro afortunado tudo ia bem; caso contrário não podia esperar a felicidade. Para que qualquer empresa tivesse possibilidade de êxito deviam ser observados os astros. Os homens se sentiam presos por um determinismo rígido estabelecido pela influência dos astros e dos espíritos elementares do mundo: eram escravos dos astros.

Agora, só havia uma saída possível. Só se os homens conhecessem as devidas contra-senhas e fórmulas podiam escapar a essa influência fatídica dos astros; e grande parte do conhecimento secreto e da doutrina secreta do gnosticismo, e das crenças e filosofias afins, pretendia oferecer a seus seguidores o poder de escapar ao domínio dos astros. Com toda probabilidade isto era o que brindavam os falsos mestres de Colossos. Diziam: "Está muito bem, Jesus Cristo pode fazer muito por vocês, mas não os pode capacitá-los a escapar ao domínio dos astros. Só nós possuímos o conhecimento secreto que os possa capacitar para isso." Paulo era filho de sua época e podia ter crido nesses espíritos elementares, principados, potestades e autoridades. Mas sua resposta é: "Não necessitam nada fora de

Cristo para superar qualquer poder do universo, porque nEle encontra-se nada menos que a plenitude de Deus, e ele é a cabeça de todo poder e autoridade, pois Ele os criou."

Os mestres gnósticos ofereciam uma filosofia e astrologia adicionais; Paulo insistia na suficiência triunfal de Cristo para superar todo poder em qualquer parte do universo. Não podemos crer ao mesmo tempo no poder de Cristo e na influência dos astros.

A CIRCUNCISÃO REAL E A IRREAL

Colossenses 2:11-12

Os falsos professores exigiam que os cristãos gentios fossem circuncidados. A circuncisão era a marca do povo escolhido por Deus. Deus — diziam — teria dito a Abraão: “Esta é a minha aliança, que guardareis entre mim e vós e a tua descendência: todo macho entre vós será circuncidado” (Gênesis 17:10).

Através de toda a história de Israel tinha havido dois pontos de vista sobre a circuncisão. Havia os que diziam que a circuncisão era por si mesmo suficiente para tornar o homem justo perante Deus; tudo o que se requeria era o ato físico da circuncisão. Não interessava que um israelita fosse bom ou mau; só se requeria que fosse israelita e que tivesse sido circuncidado. Mas os grandes pensadores e guias espirituais de Israel e os grandes profetas tinham um ponto de vista muito diferente. Insistiam em que a circuncisão era só a marca externa do homem consagrado internamente a Deus. Usavam a mesma palavra circuncisão em forma inusitada. Falavam de *lábios* incircuncisos (Êxodo 6:12); do *coração* circuncidado ou incircuncidado (Levítico 26:41; Ezequiel 44:7,9; Deuteronômio 30:6); do *ouvido* incircunciso (Jeremias 6:10). Para os grandes pensadores ser circuncidado não significava ter sido submetido a uma operação na carne, mas sim ter realizado uma mudança que afetava o coração e a vida toda. A circuncisão era o distintivo de uma pessoa consagrada a Deus, mas a consagração não residia na circuncisão da

carne, mas em eliminar da vida tudo aquilo que se opunha à vontade de Deus.

Esta era a resposta dos profetas desde muitos séculos antes e esta era ainda a resposta de Paulo aos falsos mestres. Dizia-lhes: "Vocês exigem a circuncisão, mas devem lembrar que esta não consiste na remoção do prepúcio do corpo humano, mas na remoção de toda aquela parte da natureza humana que põe vocês em oposição a Deus," Paulo continua: "E só Jesus Cristo pode realizar isto. Qualquer sacerdote pode circuncidar o prepúcio do homem; só Cristo pode obter uma circuncisão espiritual que signifique cortar da vida do homem tudo aquilo que o impeça de ser um filho obediente de Deus."

Paulo vai ainda mais longe. Para ele isto não era teoria, mas sim realidade. Diz: "O próprio fato já aconteceu em seu batismo." Quando pensamos nos pontos de vista de Paulo sobre o batismo devemos lembrar três coisas. Na Igreja primitiva, como hoje no campo missionário e até nas regiões de extensão da Igreja, os homens vinham ao cristianismo diretamente do paganismo. Consciente e deliberadamente deixavam um estilo de vida por outro. O ato do batismo consistia num ato de decisão voluntária, consciente e deliberada. Isto acontecia na época precedente ao batismo dos meninos. O batismo dos meninos não pôde ter lugar até que a família cristã chegou a ser uma realidade. Tudo aquilo que Paulo analisa aconteceu nos dias de um cristianismo de tipo individual, antes que a família cristã fosse uma realidade. Nos dias de Paulo o batismo tinha três aspectos. Era um batismo de *adultos*; um batismo de *instrução*, e quando era possível, era um batismo de *imersão total*.

Portanto, na época de Paulo o simbolismo do batismo era manifesto. Quando as águas cobriam a cabeça do homem era como se tivesse morrido; quando ressurgia de novo das águas purificadoras era como se tivesse ressuscitado a nova vida. Sua vida antiga tinha morrido; a vida nova estava pela frente. Parte dele tinha morrido e passado para sempre: era um homem novo, ressuscitado para a nova vida.

Mas deve notar-se que este simbolismo só podia ter sentido sob uma condição: só podia ser real quando o homem cria firmemente na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo; só podia ter lugar quando um homem cria na obra efetiva de Deus: o poder de Deus que ressuscitou a Jesus Cristo dentre os mortos. Somente quando possuía a convicção de que o poder que levou a Jesus Cristo através da cruz e o fez ressuscitar era real podia esperar o mesmo para ele.

O batismo era efetivamente para o cristão um morrer e um ressuscitar porque cria que Cristo tinha morrido e ressuscitado e que ele participava da mesma experiência de seu Senhor.

Paulo diz: "Vocês falam de circuncisão, a única verdadeira circuncisão é quando um homem morre e ressuscita com Cristo no batismo, de tal maneira que já não é mais um corpo carente de uma de suas partes, mas sim todo o seu ser pecaminoso é destruído e é repleto da novidade de vida e da mesma santidade de Deus"

UM PERDÃO TRIUNFAL

Colossenses 2:13-15

Quase todos os grandes mestres e pregadores pensaram em imagens; e aqui Paulo usa uma série de vívidas imagens para mostrar o que Deus fez em Cristo em favor do homem. A intenção que há detrás é mostrar que Cristo fez pelo homem tudo o que podia-se fazer e era necessário que se fizesse; que não é necessário ir a outros intermediários para a salvação total do homem. Temos aqui três grandes imagens.

(1) Os homens estavam mortos em seus pecados: estavam totalmente derrotados pelo pecado; eram impotentes para romper suas cadeias, e impotentes para enfrentara condenação do pecado. Não tinham mais poder que um morto, tanto para superar o pecado como para expiá-lo. Jesus Cristo com sua obra libertou os homens tanto do poder do pecado como de suas conseqüências. Brindou-lhes uma vida tão nova, vital, libertada e emancipada que só pode dizer-se que os ressuscitou da

morte e lhes deu nova vida. Além disso havia a antiga crença de que apenas os judeus eram caros a Deus como povo escolhido, como a possessão especial e peculiar de Deus. Mas este poder salvador e expiatório de Cristo chegou também até o gentio e o incircunciso, até o homem com quem Deus não tinha nenhuma aliança particular. A obra de Cristo é uma obra de poder porque deu vida a homens mortos; é uma obra de graça porque alcançou aqueles que não tinham razão por que esperar benefícios divinos.

(2) Mas a metáfora faz-se ainda mais gráfica. Jesus Cristo anulou o escrito de dívida que havia contra nós, ou o que é o mesmo, apagou a lista de acusações por todas as dívidas que confessamos conforme às prescrições da Lei. Aqui há duas palavras gregas e delas depende toda a imagem.

(a) Paulo fala do escrito de dívida *que nos acusava*, ou, de uma *lista de acusações que contém as dívidas que nós mesmos admitimos*. A palavra traduzida *escrito de dívida* é *queirografon*. Literalmente trata-se de um *autógrafo* cujo significado técnico – que cada um pode entender – era de uma nota assinada a mão por um devedor que reconhece a dívida. Era quase exatamente o que nós chamamos um nota promissória. Tratava-se de uma admissão assinada de dívida ou de descumprimento. Os pecados do ombro tinham acumulado uma longa lista de dívidas para com Deus. Além disso pode-se dizer que os homens reconheciam esta dívida com clareza absoluta. Mais de uma vez o Antigo Testamento mostra os filhos de Israel ouvindo e escutando as prescrições de Deus e pronunciando maldições sobre si mesmos para o caso de descumprimento (Êxodo 24:3; Deuteronômio 27:14-26). E no Novo Testamento encontramos a imagem de pagãos que não têm a Lei escrita e a revelação escrita de Deus, como os judeus, mas sim uma lei não escrita em seus corações e uma voz da consciência que lhes fala de dentro (Romanos 2:14-15). Os homens estavam em dívida para com Deus por causa de seus pecados, e sabiam. Não tinham mais remédio que admitir este fato. Tratava-se de uma acusação contra si mesmos; de uma

lista de acusações que eles mesmos tinham assinado e reconhecido como exata.

(b) Agora vem a segunda palavra importante. Deus *anulou* ou apagou a lista de acusações. A palavra para *apagar* é o verbo grego *exaleitein*. Entender esta palavra significa compreender a misericórdia maravilhosa de Deus. O material em que se escreviam os antigos documentos no papiro: uma espécie de papel feito da medula de um junco; ou o pergaminho, que era o couro de animais especialmente tratado. Ambos eram em extremo caros e de maneira nenhuma podiam desperdiçar-se. Agora, a tinta antiga não possuía ácidos. Depositava-se na superfície do papel sem que penetrasse no mesmo como acontece com a tinta moderna. Algumas vezes para economizar papel um escriba usava um papiro ou um pergaminho sobre aquele que já se escrevera. Neste caso apagava com uma esponja a escritura anterior. Naquela época isto podia ser feito. A tinta era indelével enquanto não fosse tocada; mas por estar só na superfície do papel a escritura podia ser completamente apagada. É como se Deus, em sua admirável misericórdia, tivesse anulado o documento de nossos pecados em forma tão completa como se jamais tivesse existido. Isto se levou a cabo de tal maneira que não ficou rastro algum.

(c) Mas Paulo prossegue. Deus tomou esta acusação e a cravou na cruz de Cristo. Dizia-se que no mundo antigo quando uma lei, decreto ou prescrição se cancelavam, era fixada a uma tábua onde era perfurada com um prego. Mas é duvidoso que seja este o caso nesta imagem. Antes, significa que na cruz de Cristo foi crucificada nossa própria acusação. A acusação foi, por dizê-lo assim, executada. Foi eliminada como se nunca tivesse existido. Tirou-a do caminho de tal maneira que jamais será vista novamente. Paulo parece ter indagado na atividade humana para achar uma série de imagens que mostrassem quão perfeitamente Deus em sua misericórdia destruiu, proscreeu e eliminou em Cristo a condenação que nos acusava.

Nesta imagem vê-se a graça. E esta nova era de graça fica sublinhada ademais com outra frase que é, no melhor dos casos, obscura. A condenação, a acusação e a lista de acusações *tinham estado baseados nos decretos da Lei*. Antes de Cristo, os homens estavam sob a Lei e a quebrantavam, porque ninguém podia observá-la perfeitamente. A acusação adquiria sua força e poder das prescrições e decretos da Lei. Mas agora a Lei está proscrita e chegou a graça. O homem já não é um criminoso que quebrantou a Lei e que está à mercê do juízo de Deus; é um filho que se tinha perdido, que pode voltar para o lar e que está amparado pela graça de Deus.

(3) Até outra vívida imagem cobra expressão na mente de Paulo. Jesus despojou os poderes e autoridades e os fez cativos. Como vimos o mundo antigo cria em toda classe de categorias e graus de anjos, espíritos elementares e demônios. Muitos desses demônios e espíritos tratavam de arruinar os homens. Eles eram os responsáveis pelas posses demoníacas e coisas semelhantes. Eram hostis, maliciosos e malignos com respeito aos homens. Jesus os derrotou definitivamente. Despojou-os. A palavra usada aplica-se ao despojo de armas e armadura de um inimigo derrotado. Jesus quebrantou seu poder uma vez para sempre. Ele os expôs à vergonha pública e os levou cativos em sua carreira triunfal. A imagem descreve o triunfo de um general romano.

Quando um general romano tinha obtido um triunfo notável podia partir vitoriosamente com seu exército pelas ruas de Roma seguido pelo desventurado cortejo de reis, chefes e povos derrotados e conquistados. Publicamente eram marcados a fogo como suas vítimas e despojos. Paulo pensa em Jesus como um conquistador triunfal que leva a cabo uma espécie de vitória cósmica; em sua marcha triunfal os poderes do mal sofreram um golpe definitivo que todos podem contemplar.

Em todas estas imagens Paulo afirma a suficiência total da obra de Cristo. O pecado está perdoado; o mal está vencido. Que mais se requer?

Não há absolutamente nada que o conhecimento gnóstico ou os intermediários gnósticos possam fazer pelos homens. Cristo já fez tudo.

O RETROCESSO

Colossenses 2:16-23

Através de toda esta passagem se entrelaçam e misturam certas idéias gnósticas fundamentais. Paulo admoesta os colossenses a não adotar certas práticas gnósticas porque agindo desta maneira não progredirão, mas sim, antes, retrocederão na fé. Atrás disto podem-se discernir quatro práticas gnósticas

(1) O *ascetismo* gnóstico (versículos 16 e 21). Há uma doutrina que inclui toda uma série de prescrições sobre o que se pode e não se pode comer e beber. Em outras palavras, há um retorno a todas as leis judias dos mantimentos, com suas listas de coisas puras e impuras. Como vimos, os gnósticos pensavam que toda matéria era essencialmente má. Se a matéria é má, também o corpo é mau. Se o corpo for mau, cabem duas conclusões opostas.

(a) Não interessa o que se faça com o corpo. Dá no mesmo desfrutar e saciar seus apetites ou tratá-lo com desprezo. Sendo mau pode-se usar ou abusar dele sem que haja diferença alguma.

(b) Se o corpo for mau, deve ser vencido, golpeado e reduzido à fome: cada uma de suas necessidades deve ser ignorada e cada impulso encadeado. Isto significa que o gnosticismo podia resultar, quer numa imoralidade total, quer num ascetismo rígido. Paulo trata aqui com o ascetismo rígido. Diz efetivamente: "Não se relacionem com aqueles que identificam a religião com as leis sobre o que se pode ou não se pode comer ou beber". O próprio Jesus havia dito que tanto faz o que o homem come ou bebe (Mateus 15:10-20; Marcos 7:14-23). Pedro mesmo tinha aprendido a deixar de falar sobre mantimentos puros e impuros (Atos 10). Paulo usa uma frase quase crua que repete com palavras diferentes o que Jesus tinha dito. Chama-as: "coisas que todas

se destroem com o uso" (versículo 22). Pensa exatamente o que Jesus pensava quando dizia que o alimento e a bebida se ingeriam, digeriam, eliminavam e eram expelidos (Mateus 15:17; Marcos 7:19). A comida e a bebida têm tão pouca importância que estão destinadas a decompor-se e deteriorar-se logo que se ingerem. Os gnósticos, pois, queriam transformar a religião em questão de regras e prescrições sobre comidas e bebidas. E ainda existem aqueles que se preocupam mais pelas regras sobre comidas que pela caridade do evangelho.

(2) Tanto os gnósticos como os judeus observavam *certos dias* (versículo 16): festas anuais, mensais, luas novas e dias de repouso semanais. Confeccionavam listas de dias que pertenciam particularmente a Deus: dias em que deviam fazer-se determinadas coisas e outras não. Identificavam religião com ritual e com a observância do sábado.

A crítica de Paulo a este ascetismo e essa ênfase nos dias é muito clara e lógica. Diz: "Vocês foram libertados e resgatados de toda essa tirania de regras e prescrições legais. Por que desejam voltar de novo à escravidão? Por que desejam retroceder ao legalismo judeu e abandonar a liberdade cristã?" O espírito que faz do cristianismo questão de regras e prescrições ainda não morreu.

(3) Os gnósticos tinham *visões especiais*. No versículo 18 faz-se referência ao falso mestre que "intromete-se no que não viu". A tradução correta seria "indagando das coisas que viu" (Bíblia de Jerusalém). A versão Hispano-Americana tem uma nota: "Apoiando-se em visões".

O gnóstico se gloriava de visões, revelações especiais e coisas secretas que não estavam abertas aos olhos do homem ou da mulher comuns. Ninguém negará as visões dos místicos, mas sempre existe um perigo quando o homem começa a pensar que alcançou certo grau de santidade que o faz capaz de ver o que o homem comum — como o chamam — não pode ver. E o perigo está em que os homens verão frequentemente não o que Deus os envia, mas sim o que eles querem ver.

(4) Havia o *culto aos anjos* (versículo 18 e 20). Como vimos, os judeus possuíam uma doutrina muito evoluída sobre os anjos e os

gnósticos criam em todo tipo de intermediários. E os adoravam. Para o cristão, pelo contrário, só devia tributar-se culto a Deus e a Jesus Cristo.

Paulo faz quatro críticas a tudo isto.

(1) Diz que toda esta classe de coisas é só uma sombra da verdade; a verdade real está em Cristo (versículo 17). Isto equivale a dizer que a religião fundada em comer e beber certo tipo de mantimentos e bebidas e em abster-se de outros, a religião fundada na observância do sábado e coisas afins, é só uma sombra da religião verdadeira; a religião verdadeira é ter comunhão com Cristo.

(2) Diz que há algo assim como uma falsa humildade (vv. 18 e 23). Quando falam do culto dos anjos, tanto gnósticos como judeus argumentam dizendo que Deus é tão grande, sublime e santo que não podemos ter acesso direto a Ele; devemos contentar-nos orando aos anjos sem ir diretamente a Deus. Mas a grande verdade que o cristianismo prega é precisamente o contrário: *o caminho a Deus está aberto aos homens mais humildes e singelos porque foi aberto por Jesus Cristo e ninguém pode fechá-lo.*

(3) Diz que isto pode conduzir a um orgulho pecaminoso (vv. 18 e 23). O homem meticuloso na observância de dias especiais, e atento a todas as leis e prescrições sobre a comida, que pratica uma abstinência ascética, encontra-se no grave perigo de considerar-se particularmente bom e de olhar a outros com desprezo. E é uma verdade básica do cristianismo que ninguém que se considere bom é bom, muito menos aquele que se crê melhor que os outros.

(4) Diz que tudo isso constitui um retrocesso em direção de uma escravidão anticristã em vez de liberdade cristã (versículo 10) e que de toda maneira não liberta o homem dos apetites carnis. Só o mantém dominado (versículo 23). A liberdade cristã não provém da repressão dos desejos mediante regra e prescrições, *mas sim da morte aos desejos maus e o ressurgimento de desejos bons*, porque Cristo está no cristão e o cristão em Cristo.

Colossenses 3

Uma vida ressuscitada - 3:1-4

Cristo nossa vida - 3:1-4 (cont.)

O que fica para trás - 3:5-9a

O que deve ficar para trás - 3:5-9a (cont.)

A universalidade do cristianismo - 3:9b-13

As vestes da graça cristã - 3:9b-13 (cont.)

O vínculo perfeito - 3:14-17

As relações pessoais cristãs - 3:18-25 – 4:1

A obrigação mútua - 3:18-25 – 4:1 (cont.)

O operário cristão e o patrão cristão - 3:18-25 – 4:1 (cont.)

UMA VIDA RESSUSCITADA**Colossenses 3:1-4**

A colocação que estabelece Paulo é a seguinte. No batismo o cristão morre e ressuscita. Quando as águas o cobrem é como se enterrassem um corpo morto; quando ressurge das águas é como se ressuscitasse a nova vida. Agora, sendo assim, o cristão não pode surgir do batismo sendo a mesma pessoa que foi quando baixou às águas; tem que haver uma diferença. Onde está essa diferença? No fato de que agora o cristão coloca seus pensamentos nas coisas que estão acima. Já não pode preocupar-se pelas coisas passageiras e corriqueiras da Terra; preocupa-se inteiramente pelas verdades eternas do céu.

Devemos advertir o que Paulo entende com isto. Por certo que não advoga por uma ordem peremptória em que o cristão se separe de toda obra ou atividade e não faça nada, por assim dizer, senão contemplar a eternidade. Imediatamente depois Paulo continua expondo uma série de princípios éticos dos que resulta claramente que se espera que o cristão continue com sua obra no mundo e mantenha nele todas os seus relacionamentos normais. Mas existe uma diferença: de agora em diante o cristão vê cada coisa à luz e na projeção da eternidade; já não vive

como se o mundo fosse tudo o que interessa; contempla o mundo à luz do mundo mais imenso da eternidade.

Isto lhe dá obviamente uma nova escala de valores, um novo modo de julgar as coisas, um novo sentido de proporção. Não se preocupa mais das coisas que o mundo considera importantes. As ambições que dominam o mundo não o alcançam. Continuará agindo no mundo e usando seus costumes mas numa nova forma. Por exemplo, se proporá dar antes que receber, servir antes que dominar, perdoar antes que vingar-se. O cristão verá as coisas não como aparecem perante os homens, mas sim como aparecem perante Deus. Sua escala de valores será a escala de Deus não a escala dos homens.

E como acontecerá e se cumprirá isto? A vida do cristão está escondida com Cristo em Deus. Aqui há, pelo menos, duas vívidas imagens.

(1) Lembremos, já vimos repetidamente, como os cristãos primitivos consideravam o batismo como um morrer e um ressuscitar. Ao entrar nas águas o cristão era sepultado com Cristo e quando emergia das águas ressuscitava a uma vida nova. Agora, quando um homem morria e era enterrado os gregos freqüentemente diziam que estava *escondido na terra*: aquele que morria de morte física estava *escondido na terra*. Mas o cristão tinha morrido uma morte espiritual no batismo e não está escondido na terra mas em *Cristo*. A experiência daqueles cristãos primitivos era que o próprio ato do batismo envolvia o homem em Cristo.

(2) Bem pode descobrir-se aqui um trocadilho que qualquer grego reconheceria em seguida. Lembremos como os falsos mestres denominavam a seus livros de pretendida sabedoria, *apokryfoi*, livros escondidos a todos exceto àqueles que estavam iniciados na leitura. Esses *apokryfoi*, — *livros escondidos* — continham para o gnóstico os tesouros f a sabedoria. Agora, a palavra que Paulo usa para dizer que nossas vidas estão *escondidas* com Cristo em Deus é parte do verbo *apokryptein* de onde procede o adjetivo *apokryfos*. Sem dúvida que uma

palavra sugere a outra. É como se Paulo dissesse: "Para vocês os tesouros da sabedoria estão escondidos em seus livros secretos; para nós Cristo é o tesouro da sabedoria e nós estamos escondidos nEle".

Aqui há ainda outro pensamento. A vida do cristão está escondida com Cristo em Deus. O que está escondido fica encoberto ou oculto e não se vê. O mundo não pode reconhecer o cristão; a verdadeira grandeza do cristão está escondida para o mundo. Paulo continua: "Vem o dia em que Cristo voltará em glória e naquele dia o cristão, a quem ninguém reconheceu, participará dessa glória, e será evidente aos olhos de todos". Em certo sentido Paulo diz — e o diz de verdade — que virá um dia em que os veredictos da eternidade inverterão os veredictos do tempo, e os juízos de Deus os juízos dos homens.

CRISTO NOSSA VIDA

Colossenses 3:1-4 (continuação)

No versículo 4 Paulo dá a Jesus Cristo um dos grandes títulos da devoção. Chama-o *Cristo nossa vida*. Aqui há um pensamento que era muito caro ao coração de Paulo. Escrevendo aos filipenses disse: "Para mim o viver é Cristo" (Filipenses 1:21). Alguns anos antes, quando escrevia aos Gálatas havia dito: "Já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim" (Gálatas 2:20). Segundo Paulo, para o cristão Jesus Cristo é o mais importante na vida; mais ainda, é a própria vida.

Esta é uma espécie de topo de uma devoção que só podemos entender pela metade e expressar em forma defeituosa e imperfeita. Algumas vezes dizemos de alguém: "A música é sua vida... O esporte é sua vida... Vive para seu trabalho". Os tais encontram a vida e tudo o que significa a vida na música, no esporte, ou no trabalho. Para o cristão, Cristo é sua vida. Jesus Cristo domina seu pensamento e enche sua vida.

E aqui voltamos aonde começou a passagem. Esta é precisamente a razão pela qual o cristão pode colocar sua mente, seu coração e seus afetos nas coisas de cima e não nas do mundo. Julga tudo deste mundo à

luz da cruz. Avalia cada coisa à luz do amor que o amou e se entregou por ele. À luz dessa cruz as riquezas, ambições e atividades do mundo se vêem em seu verdadeiro valor. À luz dessa cruz vê que o amor e o serviço constituem a única realza e, portanto, é liberado das coisas terrenas e capacitado a pôr todo o seu coração e todos os seus afetos nas coisas do alto.

O QUE FICA PARA TRÁS

Colossenses 3:5-9a

Aqui a Carta faz a mudança que sempre encontramos nas Cartas de Paulo. Depois da teologia vem a exigência ética. Paulo podia pensar mais profundamente que qualquer que tenha tentado jamais desenvolver e expressar sua fé cristã. Podia e de fato se embarcou em atalhos inéditos de pensamento; podia escalar, e de fato escalou, as alturas da mente humana onde o teólogo melhor preparado encontra dificuldade em segui-lo. Mas no final de seus Cartas volta sempre para as conseqüências práticas de todo seu pensamento. Sempre termina com um colocação inflexível e de clareza cristalina das exigências éticas do cristianismo na situação em que se encontram seus amigos. É aqui onde começa definidamente a seção moral desta Carta.

Paulo começa com uma enérgica exigência. “Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena”. O Novo Testamento jamais duvida em exigir com certa violência a eliminação total da vida de tudo aquilo que está contra Deus. Aqui Paulo usa a mesma linha de pensamento que em Romanos 8:3: “Se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis”. É exatamente o pensamento de Jesus quando exigia que um homem corte uma mão, ou um pé, ou arranque um olho se por estes membros é induzido ao pecado (Mateus 5:29-30).

Podemos expressar isto numa linguagem mais moderna, como o faz C. F. D. Moule. O cristão deve matar seu egocentrismo; deve considerar como mortos todos os desejos e ambições privados. Em sua vida deve

haver uma transformação radical da vontade e um deslocamento radical do centro. Tudo aquilo que o separe da obediência total a Deus e da entrega plena a Cristo deve ser amputado cirurgicamente.

Logo Paulo prossegue estabelecendo uma lista das coisas que os colossenses devem eliminar da vida.

Fornicação e impureza. Como o advertimos repetidamente, a castidade foi a única virtude completamente nova que o cristianismo trouxe para o mundo. No mundo antigo as relações pré-conjugais e extra-conjugais não envergonhavam e eram a prática normal aceita. O mundo antigo considerava o apetite sexual como algo que devia saciar-se e não controlar-se. Esta é uma atitude que de modo algum desapareceu, embora hoje em dia seja justificada com argumentos enganosos e distorcidos.

Em sua autobiografia, *Memory to Memory*, Sir Arnold Lunn tem um capítulo sobre o Cyril Joad, o famoso filósofo a quem conhecia bem. Em seus dias pré-cristãos Joad escrevia: "O controle de nascimentos (referia-se mais precisamente ao uso de anticoncepcionais) aumenta as possibilidades do prazer humano. Ao fazer possível gostar dos prazeres do sexo sem suas penalidades eliminou o mais formidável dissuasivo não só das relações sexuais normais mas também das anormais... O clérigo comum sente-se sobressaltado e ofendido perante a perspectiva de um prazer sem vergonha, inofensivo e ilimitado que o controle de nascimentos oferece ao jovem; se pudesse freá-lo, o faria". Rumo ao fim de sua vida Joad voltou à religião e se integrou na família da Igreja, mas não sem lutas, e foi a insistência da Igreja cristã sobre a pureza sexual o que tanto demorou sua decisão final. "É um passo enorme" — disse — "e não posso me persuadir de que a severo atitude rumo quanto ao sexo que a Igreja crê necessária está realmente justificada".

A ética cristã insiste na pureza e na castidade; em que a relação entre os sexos é algo tão precioso que seu uso indiscriminado acaba com sua destruição.

Paixões e desejos. Há certas pessoas que são escravas de suas paixões e que são arrastadas pelo mal: isto é o que significa *epithymia*. Há certa classe de pessoas que não têm idéia de como dominar a ira, que não têm intenção de limitar seus desejos nos prazeres da mesa; uma classe de homens que se deixam governar por seus desejos e que jamais tentam governá-los.

Vem o pecado de *avareza*. A palavra grega é *pleonexia*. Este pecado é um dos mais repugnantes: seu significado é absolutamente caro mas não é fácil encontrar um termo único para traduzi-lo. Provém de dois termos gregos. A primeira metade da palavra provém de *pleon* que significa *mais*; a segunda deriva de *equein* que significa *ter*. *Pleonexia* é fundamentalmente o *desejo de ter mais*. Os próprios gregos a definiam como um desejo insaciável e diziam que satisfazê-lo era como tratar de encher de água um recipiente furado. Definiram-na como o desejo pecaminoso do que pertence a outro; como a paixão de adquirir. Descreveram-na como a busca desumana do interesse próprio. A idéia básica é a de um desejo que o homem não tem direito de albergar. É, portanto, um pecado de um alcance muito amplo. Se se trata do desejo de dinheiro conduz ao roubo; se se trata do desejo de ganhar prestígio conduz à ambição perversa; se for o desejo de poder, conduz à tirania sádica; se se desejar a uma pessoa conduz ao pecado sexual. C. F. D. Moule o descreve bem como "o oposto ao desejo de dar". É o desejo de obter, e obter sempre o que a gente não tem direito de possuir.

Tal desejo — diz Paulo — é idolatria. Como pode ser isto? A essência da idolatria é o desejo de obter. A pessoa enaltece um ídolo e lhe rende culto porque deseja conseguir algo de Deus. Para expressá-lo bruscamente, pensa que por seus sacrifícios, suas oferendas e suas práticas de culto pode persuadir e até subornar a Deus para obter o que deseja. Para citar ao C. F. D. Moule, "a idolatria é uma tentativa de usar a Deus para o propósito do homem, antes que entregar-se a si mesmo ao serviço de Deus". A essência da idolatria consiste, de fato, no desejo de ter mais. Ou enfocando-a desde outro ângulo, o homem cuja vida está

dominada inteiramente pelo desejo de possuir coisas pôs as coisas no lugar de Deus. De fato dá culto a coisas que não são Deus, e isto é precisamente idolatria.

Sobre todas estas coisas cairá a ira de Deus. A ira de Deus é simplesmente uma regra do universo: o homem colherá o que semeia e ninguém escapará jamais às conseqüências de seu pecado. A ira de Deus e a ordem moral do universo são uma e a mesma coisa.

O QUE DEVE FICAR PARA TRÁS

Colossenses 3:5-9a (continuação)

No versículo 8 Paulo diz que há algumas coisas das quais os colossenses devem despojar-se. A palavra usada aplica-se a *despir-se*. Aqui há uma imagem que pertence à vida dos primeiros cristãos. Quando o cristão era batizado tiravam-se os vestidos velhos ao descer às águas e era revestido de vestes novas e muito brancas ao emergir das mesmas; despia-se de um estilo de vida para revestir-se de outro. Nesta passagem Paulo fala das coisas das que o cristão deve despir-se; no versículo 12 se continuará a imagem enumerando as coisas das que o cristão deve revestir-se. Passemos revista a cada termo.

O cristão deve depor a *ira* e a *indignação*. Há uma diferença entre estas duas palavras gregas (*orge* e *thymos*). *Thymos* é um relâmpago de ira repentina que se acende um instante e morre com a mesma rapidez. Os gregos a comparavam ao fogo de palha que num momento acende-se, queima-se e se extingue. Por outro lado, *orge* é uma ira que se tornou inveterada; uma ira persistente que arde lentamente e sem chamadas, que recusa ser pacificada e nutre sua cólera para manter-se viva. Para o cristão estão igualmente proscritos tanto os estalos do temperamento como a ira persistente.

Vem a *malícia*. *Malícia* é a tradução de *kakia*. Trata-se de um termo difícil de traduzir porque indica realmente essa depravação mental da qual surgem todos os vícios particulares. É um mal que tudo invade.

O cristão deve deixar de lado as *blasfêmias, as palavras desonestas e o engano de outros*. *Blasfêmia* significa em geral linguagem ofensiva e difamadora. Quando este insulto dirige-se diretamente a Deus então se transforma em blasfêmia. Neste contexto é muito mais provável que o que se proíbe sejam as palavras difamadoras contra o próximo. *Aiscrologia* se traduziu *palavras desonestas*. Bem pode referir-se à *linguagem obscena*. Estas três últimas coisas que se proíbem têm que ver com a linguagem. E se as transformamos em mandatos positivos em vez de proibições negativas encontraremos três leis para a linguagem cristã.

(1) A linguagem cristã deve ser *amável*. Toda locução te denigra, maliciosa e fofqueira fica proscrita. O antigo conselho tem ainda vigência. Antes de dizer algo de alguém devemos nos perguntar três coisas: "É verdade? É necessário? É bondoso?" O Novo Testamento não poupa a condenação das línguas fofqueiras que envenenam a verdade.

(2) O cristão deve falar o que é *puro*. Talvez não tenha havido nenhuma época na história em que se tenha usado uma linguagem tão obscena como em nossos dias. E a tragédia consiste em que hoje muitos chegaram a habituar-se tanto a uma linguagem suja que não têm consciência disso. O cristão jamais deveria esquecer que prestará conta de toda palavra ociosa.

(3) O cristão deve falar a *verdade*. O Dr. Johnson opinava que eram muitas mais as falsidades ditas inconsciente que deliberadamente e que um menino deveria ser reprimido quando se desviasse no mais mínimo da verdade. É muito fácil distorcer a verdade: basta uma variação no tom de voz em que se narra o relato, um olhar eloqüente; e há silêncios que podem ser tão falsos e enganosos como as palavras.

Se o cristão observar as regras da linguagem cristã, falará com bondade, pureza e honestidade a todos e em todo lugar.

A UNIVERSALIDADE DO CRISTIANISMO**Colossenses 3:9b-13**

Quando um homem se converte ao cristianismo deve experimentar uma mudança completa em sua personalidade. Despoja-se de seu velho eu e se reveste do novo, assim como um candidato ao batismo se despe de suas velhas vestimentas e se reveste de uma nova vestimenta branca. Com muita freqüência olhamos de soslaio a verdade em que insiste o Novo Testamento, a de que o cristianismo que não muda o homem é um cristianismo muito imperfeito. Além disso, esta mudança é progressiva. A nova criação é uma renovação contínua. Faz com que o homem cresça continuamente em graça e conhecimento até alcançar o que tem que ser: humanidade à imagem de Deus. O cristianismo não é realmente cristianismo a não ser que faça do homem o que está destinado a ser segundo o desígnio de Deus.

Um dos grandes efeitos deste cristianismo é que destrói as barreiras divisórias. Nele não há mais grego nem judeu, circuncidado ou incircunciso, bárbaro nem cita, escravo nem livre. O mundo antigo estava cheio de barreiras. Os gregos olhavam com desdém aos bárbaros; todo aquele que não falava o grego era bárbaro, o que literalmente significa, um homem que balbucia "bar-bar". O grego era o aristocrata do mundo antigo, e sabia disso. O judeu desdenhava a qualquer outra nação. Ele pertencia ao povo escolhido de Deus, enquanto as outras nações só podiam ser combustível para o fogo do inferno. Os citas eram conhecidos como o nível mais baixo de bárbaros; mais bárbaros que os bárbaros, segundo o dizer dos gregos; muito perto de ser bestas selvagens como dizia Josefo. Com efeito, era proverbialmente o selvagem que aterrorizava o mundo civilizado com suas atozes bestialidades. O escravo nem sequer era considerado como um ser humano na legislação antiga; era meramente uma ferramenta humana e viva, absolutamente sem nenhum direito próprio. Seu dono podia espancá-lo, marcá-lo a fogo, mutilá-lo ou matá-lo segundo seu capricho.

Tampouco tinha direito ao casamento. No mundo antigo não podia haver camaradagem entre um escravo e um homem livre.

Mas em Cristo todas estas barreiras foram eliminadas.

J. B. Lightfoot lembra que um dos maiores tributos rendidos ao cristianismo não foi de um teólogo mas sim de um lingüista. Max Müller foi um dos maiores peritos na ciência da linguagem. Agora, no mundo antigo ninguém se interessava pelas línguas estrangeiras, além do grego. Ninguém aprendia ou estudava as línguas estrangeiras. Os gregos eram os eruditos e jamais se teriam dignado estudar uma língua Bárbara. A ciência da linguagem é nova e o desejo de conhecer outras línguas é novo. Max Müller escreveu:

"Enquanto a palavra *bárbaro* não foi apagada do dicionário da humanidade e substituída pela palavra *irmão*, enquanto não se reconheceu o direito de todas as nações do mundo a serem classificadas como membros de um só gênero ou espécie, não se pôde contemplar nem os primeiros princípios de nossa ciência da linguagem... Esta mudança foi levada a efeito pelo cristianismo".

Foi o cristianismo que atraiu tanto os homens entre si que desejaram conhecer mutuamente seus idiomas.

T. K. Abbot adverte como esta passagem mostra em forma sumária as barreiras que destruiu o cristianismo.

(1) Destruiu as barreiras que provêm do nascimento e da nacionalidade. Diferentes nações, que se desprezavam ou odiavam foram congregadas numa só família: a Igreja cristã. Nações que se lançavam umas contra as outras nas guerras se sentaram juntas em paz na mesa do Senhor.

(2) Destruiu as barreiras que provêm do cerimonial e do ritual. Circuncidados e incircuncisos foram congregados numa só comunidade. Enquanto um judeu permanecia sendo judeu qualquer homem de outra nação era para ele impuro. Quando se fazia cristão, todo homem de outra nação era considerado irmão.

(3) Destruíu as barreiras entre a cultura e a incultura. Os citas eram os bárbaros ignorantes do mundo antigo; os gregos os aristocratas do pensamento. Os povos incultos e os cultos se congregaram na Igreja cristã. O maior sábio do mundo e o operário mas simples podem acotovelar-se em perfeita camaradagem na Igreja de Cristo.

(4) Destruíu as barreiras entre as classes. O escravo e o livre participaram de uma mesma Igreja. Ainda mais: na igreja primitiva podia acontecer e acontecia que o escravo era o pregador e o chefe da comunidade e o amo era um membro humilde. Na presença de Deus as distinções sociais do mundo carecem de importância.

AS VESTES DA GRAÇA CRISTÃ

Colossenses 3:9b-13 (continuação)

Paulo continua dando uma lista das graças importantes com as que os colossenses deviam revestir-se. Antes de começar a estudar a lista em detalhe devemos advertir duas coisas muito significativas.

(1) Paulo começa dirigindo-se aos colossenses como os *escolhidos de Deus, santos e amados*. O significativo é que cada uma destas três palavras correspondiam originariamente aos judeus. Eles eram o povo escolhido, a nação santa e consagrada (*hagios*), eles eram os amados de Deus. Paulo toma estas três importantes palavras que num tempo tinham sido possessão de Israel, para aplicá-las aos gentios. Desta maneira mostra que o amor e a graça de Deus chegaram aos limites da terra: Na economia de Deus já não existe a cláusula de "nação mais favorecida".

(2) É extremamente significativo que cada uma das virtudes e graças da lista tem que ver com as relações pessoais. Não se mencionam virtudes como a eficiência, inteligência, nem sequer a diligência ou a industriabilidade. Não é que tudo isto careça de importância. Mas as grandes virtudes cristãs básicas são as que dominam as relações humanas e lhes dão a tônica. O cristianismo é comunidade. O cristianismo tem em

sua parte divina o dom maravilhoso da paz com Deus e em sua parte humana a solução triunfal do problema da convivência.

Paulo começa com uma *íntima misericórdia*. Se houver algo que o mundo antigo precisava era a misericórdia. O sofrimento dos animais não significava nada para o mundo antigo. Os aleijado e os doentios eram simplesmente eliminados. Não havia previsões sociais para os anciãos. O trato com os idiotas e os diminuídos mentais era sem piedade e desumano. O cristianismo trouxe para este mundo — e ainda continua trazendo — uma misericórdia crescente. Não é muito dizer que tudo o que se chegou a fazer pelos anciãos, pelos doentes, pelos física e mentalmente fracos, pelos animais, pelas crianças e pelas mulheres, foi sob a inspiração do cristianismo.

Vem a *benignidade (crestotes)*. Trench a considera uma bela palavra para uma bela qualidade. Os antigos escritores definiam a *crestotes* como a virtude do homem para quem o bem de seu próximo é tão caro como o próprio. Josefo a usa para descrever a Isaque, o homem que cavava poços e os entregava a outros porque não queria litigar sobre eles (Gênesis 26:17-25). Aplica-se ao vinho que com os anos se suaviza perdendo seu aspereza. É a palavra que se usa para o jugo de Jesus em seu dito: "Meu jugo é *suave*" (Mateus 11:30). A bondade pode ser severa mas a *crestotes* é a benignidade; a bondade amável que Jesus usou para com a mulher pecadora que lhe ungiu os pés (Lucas 7:37-50). Sem lugar a dúvida, Simão o fariseu era um homem bom mas Jesus era mais que bom: era *crestos*, benigno. O cristão se caracteriza por uma bondade que é amável.

Vem a *humildade*. Com freqüência tem-se dito que a humildade é uma virtude criada e introduzida pelo cristianismo. Sublinhou-se freqüentemente que no grego clássico não há uma palavra para humildade que não tenha certo toque de baixeza, servilismo e subserviência. A humildade cristã não é algo rasteiro, mas sim algo que se baseia em duas coisas. Em primeiro lugar, em seu aspecto divino se baseia na consciência sempre presente da *condição de criatura* do

homem. Deus é o Criador, e homem é a criatura. Na presença do Criador a criatura não pode sentir outra coisa a não ser humildade. Em segundo lugar, no aspecto humano se baseia na crença de que todos os homens são filhos de Deus; e quando vivemos em meio de homens e mulheres que são todos de linhagem real, não há lugar para a arrogância.

Vem a *mansidão (praotes)*. Faz muito tempo Aristóteles definiu a *praotes* como o termo médio feliz entre a ira excessiva e a ira mínima. O homem que tem *praotes* é aquele que conserva o domínio próprio porque está guiado por Deus: ira-se sempre a seu devido tempo e jamais quando não lhe corresponde. Tem ao mesmo tempo a energia e a suavidade da verdadeira gentileza.

Vem a *paciência (makrothymia)*. É o espírito que jamais perde a paciência para com o próximo. A estultícia e indocilidade jamais o forcem ao cinismo ou o desespero; os insultos e maus entendimentos jamais o empurram à amargura ou à cólera. A paciência humana é um reflexo da paciência divina que carrega todos os nossos pecados e que jamais nos rechaça

Vem o *espírito que suporta e perdoa*. O cristão suporta e perdoa porque jamais esquece que aquele que foi perdoado deve sempre perdoar. Como Deus lhe perdoou, ele deve perdoar a outros, porque só aquele que perdoa pode ser perdoado.

O VÍNCULO PERFEITO

Colossenses 3:14-17

Aos ornamentos das virtudes e graças Paulo adiciona um mais — aquele que chama o *vínculo perfeito do amor*. O amor é o poder de união que mantém intimamente ligado todo o corpo cristão. A tendência de toda sociedade de pessoas é, mais cedo ou mais tarde, desagregar-se; no amor existe o único vínculo que as manterá em inquebrantável comunhão.

Logo Paulo passa a uma imagem expressiva: "Que a paz de Cristo decida tudo em seus corações". O que diz literalmente é: "Seja a paz de Cristo o árbitro em vosso coração". O verbo que emprega pertencia à arena dos campos atléticos: é a palavra que se aplicava ao árbitro que com sua decisão restabelecia a ordem em caso de disputa. Se a paz de Jesus Cristo for o árbitro no coração de cada homem então, quando entrarem em conflito os sentimentos e quando formos arrastados em duas direções ao mesmo tempo ou quando a caridade cristã estiver em conflito em nossos corações com a irritação e a irritação anticristãos, a decisão de Cristo nos levará pelo caminho do amor e a Igreja continuará sendo um só corpo, tal como deve sê-lo. O caminho para operar retamente é designar a Jesus Cristo como o árbitro das emoções que estão em conflito em nossos corações. Se aceitarmos suas decisões não podemos agir mal.

É interessante observar aqui como a Igreja cantou desde seus começos. Isto era herança do judaísmo. Filo nos conta que os judeus freqüentemente passavam toda a noite entre hinos e cânticos. Uma das primeiras descrições do culto da Igreja que possuímos é a de Plínio, o governador romano da Bitínia, que enviou a Trajano, imperador romano, um relato das atividades cristãs. Neste relato diz: "Se reúnem ao amanhecer para cantar um hino a Cristo como Deus". A gratidão da Igreja sempre se elevou a Deus em forma de louvor e cântico cristãos.

Finalmente, nesta seção Paulo estabelece o grande princípio para a vida de que tudo o que fazemos ou dizemos deve ser feito ou dito em o nome de Jesus. Uma das melhores provas para cada ação é a seguinte: "Podemos fazer isto invocando o nome de Jesus? Podemos fazer isto implorando sua ajuda?" Podemos dizer isto lembrando que Ele nos ouve e lhe pedindo que não ouça? Se cada palavra e cada feito passa pela prova da presença de Jesus Cristo será impossível seguir o caminho do engano.

AS RELAÇÕES PESSOAIS DO CRISTÃO**Colossenses 3:18-25—4:1**

Aqui a seção ética da Carta faz-se cada vez mais prática. Paulo refere-se à concreção prática do cristianismo nas relações do jornal viver. Antes de começar a estudar esta passagem em detalhe advertimos dois grandes princípios gerais que estão em sua base e que determinam todas suas exigências.

(1) A ética cristã é uma ética de *obrigação recíproca*. Nunca é uma ética em que todos os deveres estão de um só lado. Segundo Paulo, a obrigação dos maridos é tão importante como a das mulheres; os pais estão tão ligados por seus deveres como os filhos; os amos têm tantas responsabilidades como os escravos.

Isto era algo inteiramente novo. Consideremos cada caso em particular à luz deste novo princípio.

Sob a Lei judia a mulher era uma coisa; uma possessão de seu marido como a casa, o rebanho e os bens materiais. Não possuía direito legal algum. Por exemplo, sob a Lei judia o marido podia divorciar-se de sua mulher por qualquer causa enquanto a mulher não tinha direito alguém de dar início ao divórcio. Na sociedade grega uma mulher respeitável vivia uma vida inteiramente segregada. Jamais aparecia sozinha nas ruas, nem sequer para ir às compras. Vivia nos compartimentos destinados às mulheres e jamais devia encontrar-se com os homens de sua casa nem mesmo para comer. Era-lhes exigida total entrega ao serviço e à castidade. Mas o marido podia sair à vontade e manter a bel-prazer qualquer relação extraconjugal sem incorrer em descrédito. Tanto sob as leis e costumes judias como sob as gregas, todos os privilégios pertenciam ao marido e todos os deveres à mulher; mas no cristianismo temos pela primeira vez uma ética de obrigações mútuas e recíprocas.

No mundo antigo os meninos estavam muito sob o domínio de seus pais. O exemplo supremo do caso era o *pátrio poder* romano: a lei do

poder dos pais. Sob esta lei o pai podia fazer o que quisesse com seu filho. Até podia vendê-lo como escravo, fazê-lo trabalhar como operário em seu campo; inclusive tinha o direito de condená-lo à morte e também de executá-lo. Novamente todos vos privilégios e direitos pertenciam ao pai e todos os deveres ao filho.

Ainda mais claramente via-se isto no caso da escravidão. Aos olhos da lei o escravo era uma coisa. Não existia algo assim como um código de condições trabalhistas. Quando um escravo não era apto para o trabalho podia ser despedido, ainda que morresse. O escravo não tinha o direito de casar-se e se chegava a gerar um filho, este filho pertencia ao amo, como os cabritos de um rebanho ao pastor. O amo podia açoitá-lo, marcá-lo à fogo e matá-lo sem que ninguém o impedisse. Novamente todos os direitos pertenciam ao amo e os deveres ao escravo.

A ética cristã é uma ética de obrigações mútuas pela qual todos os direitos e obrigações caem sobre todos. Sob a ética cristã ninguém carece de direitos, mas tampouco ninguém carece de obrigações. É uma ética de responsabilidade mútua e, portanto, converte-se numa ética em que a idéia e o pensamento de privilégios e deveres passa a segundo plano e a idéia e o pensamento do dever e obrigação se constituem no supremo. Toda a direção da ética cristã não é perguntar: "O que é o que os outros me devem?" mas sim, "O que devo eu aos outros?"

(2) O realmente novo da ética cristã, no campo das relações pessoais, é que todas as relações são *no Senhor*. Toda a vida cristã vê-se em Cristo. Em cada lar a tônica das relações pessoais vem pela consciência de que Jesus Cristo é sempre um hóspede invisível mas presente. Ele é sempre o terceiro quando dois estão juntos. Em toda relação pai-filho domina o pensamento da paternidade divina; devemos tratar a nossos filhos como Deus a seus filhos e filhas. O que estabelece a relação amo-siervo é que ambos, o amo e o servo, são servos do único dono Jesus Cristo. O novo nas relações pessoais como vistas o cristianismo, é que Jesus Cristo se introduz nelas como o fator que muda e recria.

A OBRIGAÇÃO MÚTUA**Colossenses 3:18-25—4:1 (continuação)**

Lancemos uma breve olhada a cada uma destas três esferas das relações humanas.

(1) A mulher tem que ser submissa a seu marido; mas o marido tem que amar a sua mulher e tratá-la com toda bondade. O efeito prático de todas as leis e costumes matrimoniais da antigüidade era que o marido se transformava num ditador indiscutido e a mulher em pouco mais que uma serva para criar seus filhos e servi-lo em suas necessidades. O efeito fundamental da doutrina cristã sobre o casamento é que este se torna *cooperação e companheirismo*. Não se realiza para a mera conveniência do marido, senão para que marido e mulher encontrem uma nova alegria e se complementem mutuamente na vida. Um casal em que tudo é feito para conforto e conveniência de um dos cônjuges enquanto o outro existe simplesmente para satisfazer as necessidades e os desejos daquele, não é um casal cristão.

(2) A ética cristã estabelece com absoluta clareza o dever do filho com respeito ao pai. Mas há sempre um problema na relação pai-filho. Se o pai for muito lasso e condescendente, o filho crescerá sem disciplina e será incapaz de enfrentar a vida. Além disso há outro perigo. Quanto maior consciência tem um pai tanto mais corrigirá, admoestará, repreenderá e estimulará o filho. Simplesmente porque o pai ou a mãe desejam o bem do filho estarão sempre, como se diz, "mercando em cima" dele.

Lembramos por exemplo a trágica pergunta de Mary Lamb, que finalmente chegou a perder a cabeça: "Por que será que alguma vez pareço capaz de fazer algo que agrade a minha mãe?"

Lembramos a penetrante declaração do John Newton: "Eu sei que meu pai me amava — mas não parecia desejar que eu me desse conta disso".

Há certo tipo de crítica constante que é produto de um amor equivocados. O perigo de tudo isto está em que o menino se desanime. Bengel fala de "a praga da juventude: um espírito contrariado" (*Fractus animus pestis iuventutis*). O dever do pai não é só a disciplina — também é *estimular*. A disciplina e o estímulo devem correr ao mesmo tempo. Um dos atos trágicos da história religiosa é que o pai do Lutero fosse tão severo com ele que durante toda sua vida o fez difícil orar o Pai Nosso: a palavra *pai* não significava em sua mente outra coisa a não ser severidade. O dever do pai é sempre a disciplina, mas também é o estímulo. Lutero mesmo dizia: "Poupa a vara e arruína o menino. Isto é verdade. Mas ao lado da vara tenha uma maçã para dar a ele quando agir bem".

Sir Arnold Lunn cita de um livro do M. E. Clifton James um incidente sobre o general Montgomery. Montgomery era famoso pela disciplina que impunha mas também tinha outro aspecto. Clifton James era o "duplo" oficial do Montgomery. "Durante umas manobras de desembarque o estive estudando. A poucos metros de onde estava parado, um soldado muito jovem, que ainda parecia enjoado pela viagem marítima, vinha lutando denodadamente para seguir a seus camaradas do frente. Eu podia imaginar que, sentindo-se como se sentia, seu fuzil e sua equipe deviam lhe pesar uma tonelada, suas pesadas botas se arrastavam pela areia, mas eu podia ver que lutava com todas as suas forças para dissimular sua dificuldade. Justamente quando conseguiu chegar aonde estávamos, deu um tropeção e caiu de chofre sobre seu rosto. Quase soluçando se ergueu e empreendeu arduamente a marcha, mas em direção errada. O general se dirigiu diretamente ao jovem e com um sorriso animador e amistoso o inverteu. 'por aqui filho; você está agindo bem, muito bem. Isso sim, não perca contato com o soldado que está adiante de você'. Quando o jovem deu-se conta de quem era aquele que o tinha ajudado amigavelmente sua expressão de muda admiração foi digna de observar-se." Justamente porque Montgomery combinava a

disciplina com o estímulo um ordenança do Oitavo Exército se sentia com a dignidade de um coronel de qualquer outro exército.

Quanto melhor é um pai tanto mais evita o perigo de desalentar a seu filho: os pais devem dar disciplina e estímulo por partes iguais.

O OPERÁRIO CRISTÃO E O PATRÃO CRISTÃO

Colossenses 3:18-25—4:1 (continuação)

(3) Paulo se volta agora ao problema maior de todos: a relação entre amos e escravos. Deve-se advertir que esta seção é quase mais longa que as outras duas tomadas junto e que sua longitude e densidade podem bem ser fruto das longas conversações que Paulo manteve com Onésimo, o escravo fugitivo que mais tarde Paulo enviou de volta à casa de seu amo Filemom.

Aqui Paulo diz coisas que terão causado admiração em ambas as partes da questão.

Insiste em que o escravo deve ser um trabalhador consciente. Diz, com efeito, que o cristianismo de um escravo deve fazer dele um escravo melhor e mais eficiente. Nunca o cristianismo ofereceu uma escapatória do trabalho duro; antes, faz com que o homem seja capaz de trabalhar duramente. Tampouco oferece ao homem escapatória de uma situação difícil; capacita-o para enfrentar esta situação como um homem melhor.

O escravo não deve oferecer um serviço só para ser visto. Não deve trabalhar só quando os olhos do supervisor estão sobre ele. Não deve ser o tipo de servo que, como diz C. F. D. Moule, não sacode o pó atrás dos adornos nem varre debaixo do armário. Não deve fazer uma demonstração de solícita eficiência quando seu coração abriga ressentimento e amargura contra toda sua situação. Deve lembrar que receberá sua herança: e aqui há algo maravilhoso. Sob a lei romana um escravo não podia ter nenhuma propriedade de qualquer tipo que fosse. E aqui é prometida nada menos que a herança de Deus. Deve lembrar que

chegará um tempo em que se ajustarão contas: os que fizeram o mal receberão seu castigo e os que trabalharam fielmente seu recompensa.

O amo deve tratar o escravo não como uma coisa, mas sim como pessoa, com justiça, e com a equidade que ultrapassa a justiça.

E como deve-se ser feito isto? A resposta é importante, porque nela encontra-se toda a doutrina cristã do trabalho. O trabalhador deve fazer tudo como se fosse para Cristo. Nós não trabalhamos pelo pagamento, nem por ambição, nem para satisfazer a um amo terrestre. Trabalhamos de tal maneira que possamos tomar cada trabalho e oferecê-lo a Cristo. Todo trabalho é feito para Deus, de tal maneira que o mundo de Deus possa seguir sua marcha, e os homens e mulheres de Deus possam possuir as coisas necessárias para a vida. Todo trabalho é para Deus.

O amo deve lembrar que ele também tem um Amo — Cristo nos céus. É responsável perante Deus na mesma medida em que seus operários são responsáveis perante ele. Nenhum amo pode dizer: "Este negócio é meu; farei com ele o que eu quiser", antes, deve dizer: "Este negócio é de Deus, quem o pôs sob minha responsabilidade. Devo conduzi-lo como Ele quer que o conduza. Sou responsável perante Ele". O amo assim como o servo trabalha para Deus. A doutrina cristã do trabalho é que o patrão e o operário trabalham Iguamente para Deus e que, portanto, a recompensa real do trabalho não é calculável em moedas terrestres, mas sim algum dia Deus mesmo a dará, ou a reterá.

Colossenses 4

[A oração do cristão - 4:2-4](#)

[O cristão e o mundo - 4:5-6](#)

[Os companheiros fiéis - 4:7-11](#)

[Mais nomes de honra - 4:12-15](#)

[O mistério da carta aos de Laodicéia - 4:16](#)

[A bênção final - 4:17-18](#)

A ORAÇÃO DO CRISTÃO**Colossenses 4:2-4**

Paulo jamais escreve uma Carta sem insistir com seus amigos a cumprir o dever e aproveitar o privilégio de orar.

Diz-lhes que perseverem na oração. Até para o melhor dentre nós há épocas em que a oração parece ser ineficaz e não passar das paredes da habitação em que oramos. Em tais circunstâncias o remédio não é deixar a oração, mas sim seguir orando; porque a aridez espiritual não pode durar no homem que ora.

Diz-lhes que sejam vigilantes na oração. Em grego significa literalmente *velar* em oração. A frase poderia significar que não durmam quando oram. Pode ser que Paulo pensasse na cena do monte da Transfiguração onde os discípulos adormeceram e só quando despertaram viram a glória (Lucas 9:32). Ou talvez pensava no jardim do Getsêmani quando Jesus orava enquanto seus discípulos dormiam (Mateus 26:40). É verdade que no final de um dia duro nos invade o sono quando tentamos orar. E até é mais freqüente que em nossas orações haja uma espécie de distração e cansaço. Nestas ocasiões deveríamos tentar permanecer longo tempo em oração: Deus entenderá uma só frase, quando tivermos que nos expressar como um menino que está muito cansado para permanecer acordado.

Paulo lhes pede que orem por ele. Devemos advertir, notando por que Paulo o pede. Não é tanto que peça suas orações por si mesmo; pede-as por sua obra. Havia muitas coisas pelas que Paulo poderia ter pedido que orassem: pela libertação da prisão; por um resultado favorável no júízo vindouro; por um pouco de descanso e paz no fim de seus dias. Mas só lhes pede que orem para que tenha fortaleza e oportunidade para realizar a obra a que tinha sido enviado por Deus. Quando orarmos por nós mesmos e por outros, não peçamos a libertação de alguma tarefa, mas antes, fortaleza para completar a tarefa que nos foi confiada. A oração tem que ser sempre para conseguir poder e raramente

para ser aliviados; porque não o ser aliviados, mas sim a conquista deve constituir a tônica da vida cristã.

O CRISTÃO E O MUNDO

Colossenses 4:5-6

Aqui estamos perante três breves instruções para a vida do cristão no mundo.

(1) O cristão deve comportar-se com sabedoria e tato com respeito aos que estão fora da Igreja. Deve ser por necessidade um missionário. Mas deve saber quando falar e quando não falar sobre sua religião ou a de outros. Jamais deve dar a impressão de superioridade e de uma crítica que censura. Deve lembrar que em geral não são muitos os que se convertem como resultado de uma discussão. Se isto é assim, o cristão deve lembrar que, sendo como é, é uma boa ou uma má propaganda da fé que ostenta. Não é com suas palavras, mas com sua vida que atrairá ou afugentará a outros. Sobre o cristão pesa a grande responsabilidade não de falar sobre Cristo, mas sim de mostrar a Cristo aos homens mediante a própria vida.

(2) O cristão deve estar à expectativa da oportunidade. Deve aproveitar cada oportunidade para operar por Cristo e para servir aos homens. Hoje em dia há muita gente no mundo que não tem outro propósito senão o de evitar esta classe de oportunidades. A vida diária e o trabalho oferecem continuamente aos homens oportunidades para dar testemunho de Cristo e influir de modo cristão no povo; e há muitos que evitam estas oportunidades em vez de aproveitá-las. A Igreja oferece continuamente a seus membros a oportunidade de ensinar, cantar, visitar, trabalhar para o bem da congregação cristã, e há muitos que deliberadamente rechaçam essas oportunidades em vez de aceitá-las. Oportunidade significa obra, porque constitui o que poderíamos chamar a matéria prima da realização e do serviço. O cristão está em busca de

cada oportunidade, não para proveito próprio, senão para servir a Cristo e a seus semelhantes.

(3) O cristão deve ter encanto e engenho em suas palavras para saber dar em cada caso a resposta correta. Aqui há um interessante preceito. É muito certo que na mente de muitos o cristianismo está ligado a um tipo de embotamento santarrão e a um ponto de vista segundo o qual a risada é quase uma heresia. Como diz C. F. D. Moule, esta é "uma admoestação para não confundir a piedade leal com a insipidez carente de graça". O cristão recomendará sua mensagem com o encanto e o engenho que fala em Jesus Cristo mesmo. Há muito cristianismo do que deprime e esmaga o homem e muito pouco do que cintila com vida e encanto.

OS COMPANHEIROS FIÉIS

Colossenses 4:7-11

Quando lemos a lista de nomes no final deste capítulo nos encontramos com uma série de heróis da fé. Devemos lembrar as circunstâncias. Paulo estava na prisão à espera de um juízo. Sempre é perigoso ser amigo de um prisioneiro porque é fácil ver-se envolto em seu próprio destino. Era preciso ser valente para declarar-se amigo de Paulo, visitá-lo em sua prisão e mostrar que se estava do seu lado. Reunamos o que sabemos destes homens.

Tíquico procedia da província romana da Ásia e era muito provavelmente o representante de sua Igreja para levar suas oferendas aos cristãos pobres de Jerusalém (Atos 20:4). A ele também fora confiada a missão de levar a seus diferentes destinatários a carta que conhecemos como a Carta aos Efésios (Efésios 6:21). Aqui há algo interessante. Paulo escreve que *Tíquico* lhes contará tudo o que a ele se refere. Isto mostra quantas coisas ficaram tiradas do relato verbal e quantas jamais se escreveram nas Cartas de Paulo. As Cartas não podiam ser por natureza muito longas; tratavam dos problemas de fé e conduta

que ameaçavam as Igrejas. Os detalhes pessoais eram confiados aos portadores das mesmas. Na Igreja primitiva as notícias se transmitiam de uma Igreja a outra mediante a palavra oral; os detalhes pessoais e todas as coisas que tanto desejaríamos conhecer jamais foram escritas. Portanto podemos descrever Tíquico como ao enviado pessoal de Paulo.

Onésimo. A maneira que Paulo tem de mencionar ao Onésimo abunda em cortesia e bondade. Onésimo era em realidade o escravo fugitivo que por algum meio tinha chegado até Roma. Paulo o estava enviando de volta a seu amo Filemom. Mas não o chama escravo fugitivo, mas sim amado e fiel irmão. Quando Paulo tinha algo que dizer sobre algum homem sempre dizia o melhor que podia dizer.

Aristarco era macedônio de Tessalônica (Atos 20:4). Somente temos notícias fugazes dele, mas desses dados salta uma coisa à vista: era sem dúvida um homem bom para o ter ao lado em situações perigosas. Estava presente quando o povo de Éfeso se amotinou no templo de Diana; encontrava-se tão à vanguarda que foi capturado pelas turfas (Atos 19:29). Estava presente quando Paulo zarpou prisioneiro para Roma (Atos 27:12). Bem pode ser que não tenha feito mais que apresentar-se como escravo de Paulo com a finalidade de poder acompanhá-lo em sua última viagem. E agora está aqui em Roma como companheiro da prisão. Evidentemente Aristarco estava sempre em seu posto quando as coisas iam mal ou Paulo tinha que acontecer apuros. Das notícias fugazes de Aristarco se perfila levemente a imagem de um homem que era de fato um excelente companheiro.

Marcos. Entre todos os personagens da Igreja primitiva Marcos tinha tido a carreira mais surpreendente. Tinha tanta amizade com Pedro que este o chamava seu filho (1 Pedro 5:13). E sabemos que quando Marcos escreveu seu Evangelho, o que fez foi apresentar por escrito o material da pregação de Pedro.

Em sua primeira viagem missionário Paulo e Barnabé o tinham levado como secretário (Atos 3:5). Mas a metade de caminho, quando as coisas se tornaram difíceis, desistiu e retornou a casa (Atos 13:13).

Passou muito tempo antes que Paulo esquecesse a cena. Quando estavam por empreender a segunda viagem missionária, Barnabé quis levar novamente a Marcos com eles, mas Paulo recusou admiti-lo por sua deserção anterior. Como resultado Paulo e Barnabé se separaram e nunca mais trabalharam juntos (Atos 15:36-40). A tradição diz que Marcos foi como missionário ao Egito e estabeleceu a Igreja em Alexandria. Não sabemos o que é o que aconteceu no ínterim; mas sabemos que Marcos encontrava-se com Paulo em sua última prisão e que Paulo o considerou mais uma vez como um de seus homens mais úteis (Filemom 24; 2 Timóteo 4:11).

Marcos foi o homem que se redimiou a si mesmo. E aqui, nesta breve referência há um eco da velha história desafortunada. Paulo dá instruções à Igreja de Colossos para que receba a Marcos com as boas-vindas no caso de ele chegar. Por que Paulo age assim? Sem dúvida porque as Igrejas de Paulo viam com suspicácia a um homem a quem o apóstolo tinha descartado uma vez como inútil para o serviço de Cristo. E agora Paulo, com sua cortesia e solícitude habituais, assegura-se que o passado de Marcos não lhe seja um impedimento, e o aprova totalmente como um de seus amigos de confiança. O fim da carreira de Marcos é um tributo tanto para o mesmo Marcos como para Paulo.

De *Jesus, chamado Justo* não sabemos mais que o nome. Estes eram os homens que ajudavam a Paulo e o confortavam. Sabemos que os judeus de Roma tinham recebido friamente a Paulo (Atos 28:17-29); mas também se encontravam em Roma homens que por sua lealdade enchiam seu coração de satisfação.

MAIS NOMES DE HONRA

Colossenses 4:12-15

A lista de nomes de honra dos operários continua.

Epafras, poderia ser o ministro da Igreja de Colossos (Colossenses 1:7). Esta passagem pareceria significar que Epafras era de fato o

supervisor das Igrejas no grupo das três cidades: Hierápolis, Laodicéia e Colossos. Como servo de Deus orava e se trabalhava em excesso pelo povo sobre o qual Deus o tinha posto.

Lucas, o médico amado, que esteve com Paulo até o fim de sua vida (2 Timóteo 4:11). Era Lucas um médico que deixou de lado o que pôde ter significado para ele uma carreira lucrativa para atender "o espinho na carne" de Paulo e pregar a Cristo?

Demas. É significativo que este homem seja o único ao que não se liga um comentário de elogio e avaliação. É simplesmente *Demas* e nada mais. Nas Cartas de Paulo atrás das breves referências a Demas há um relato. Em Filemom 24 se agrupa com os homens que se descrevem como colaboradores de Paulo. Em Colossenses 4:14 está sem nenhum comentário. A última menção encontra-se em 2 Timóteo 4:10: Demas, aquele que abandonou a Paulo por amor a este mundo. Certamente temos aqui os fracos traços de um processo de degeneração, perda de entusiasmo e ideais e fracasso na fé. Estamos perante um dos homens que rechaçou ser transformado por Cristo.

Ninfa e a Igreja dos irmãos da Laodicéia que se reúnem em sua casa. Quando buscamos remontar-nos a essa época primitiva devemos pensar que não existia então tal coisa como templos. Até o século III não se construíram templos. Naquela época as comunidades cristãs se reuniam nas casas daqueles que eram os chefes da Igreja: existia a Igreja que se reunia na casa de Áqüila e Priscila em Roma e em Éfeso (Romanos 16:5; 1 Coríntios 16:19); existia a Igreja que se reunia na casa de Filemom (Filemom .2). Na Igreja primitiva Igreja e casa eram uma mesma coisa; e ainda é verdade que cada lar deve ser também uma Igreja de Jesus Cristo.

O MISTÉRIO DA CARTA AOS DE LAODICÉIA

Colossenses 4:16

Neste versículo encontra-se um dos mistérios da correspondência de Paulo. Esta Carta a Colossos que estivemos estudando deve ser enviada a

Laodicéia. E Paulo adiciona que há uma carta que está em caminho de Laodicéia a Colossos. Qual é esta carta a Laodicéia? Há quatro possibilidades.

(1) Pôde haver-se tratado de uma carta especial à Igreja da Laodicéia. Se fosse assim, perdeu-se, ainda que, como o veremos em seguida, ainda existe uma suposta carta a Laodicéia. Evidentemente Paulo escreveu mais cartas que as que possuímos. Temos treze cartas paulinas que cobrem aproximadamente quinze anos. Mas é certo que Paulo não escreveu somente treze cartas em quinze anos. Muitas de suas cartas devem ter-se perdido: e pode ser que uma delas fosse dirigida a Laodicéia.

(2) A carta referida pode identificar-se com a Carta aos Efésios. Como vimos ao estudar Efésios, é quase certo que esta Carta não foi dirigida à Igreja de Éfeso, mas sim consistiu numa encíclica concebida para circular entre todas as Igrejas da Ásia. Pode ser que essa encíclica tivesse chegado a Laodicéia e agora se dirigisse a Colossos.

(3) A carta outrora pode ser efetivamente a Carta a Filemom. Mas deixaremos de lado esta discussão até chegar ao estudo de Filemom.

(4) Por muitos séculos existiu uma suposta carta de Paulo à Igreja da Laodicéia: uma carta que de fato pretende-se a que aqui se menciona tal como a temos, está em latim mas um latim que tem tudo os sinais de ser uma tradução literal de um original grego. Esta carta se inclui de fato no *Codex Fuldensis* do Novo Testamento latino que pertenceu a Vítor de Cápua e se remonta ao século VI. Mencionada-a carta aos laodicensis pode ser anterior a esta data. Foi mencionada por Jerônimo no século V, mas em sua opinião era uma falsificação, opinião compartilhada pela maioria. A carta tem o seguinte tenor:

Paulo, apóstolo não de homens nem por meio de algum homem, mas por Jesus Cristo, aos irmãos que estão em Laodicéia. Graça e paz sejam a vós de Deus Pai e de nosso Senhor Jesus Cristo.

Dou graças a Cristo em cada uma de minhas orações porque permanecem firmes nele e perseveram em suas obras esperando sua promessa no dia do juízo. Não permitam que as palavras vazias de certas pessoas lhes seduzam já que são palavras de homens que tentam seduzi-los a se separarem da verdade do evangelho que é pregado por mim. . . (Aqui segue um versículo cujo texto é incerto.)

E agora as cadeias que sofro em Cristo são manifestas aos olhos de todos: nelas encontro minha alegria e minha alegria. E isto derivará em minha salvação eterna mediante suas orações e a ajuda do Espírito Santo, quer seja vivendo quer morrendo. Porque para mim viver é estar em Cristo e morrer uma alegria. E que ele em sua misericórdia vos faça experimentar o mesmo: que tenham o mesmo amor e que sejam de uma só mente.

Portanto, meus amados, como ouvistes em minha presença, mantenham estas coisas e ajam de acordo com as mesmas com o temor de Deus, então terão vida eterna; porque é Deus aquele que opera em vós. E ajam sem vacilação em tudo o que fazem.

Pelo demais, meus amados, alegrai-vos em Cristo: tomem cuidado daqueles que agem sordidamente em seus desejos de lucro. Que todas as vossas orações sejam conhecidas perante Deus; mantende-vos firmes na mente de Cristo.

Façam tudo o que é puro, verdadeiro, modesto, justo e amável.

Mantenham firmemente o que ouvistes e recebestes em seus corações e terão paz.

Os santos vos saúdam. A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com o vosso espírito.

Que esta carta seja lida em Colossos e que a carta aos colossenses se leia entre vós.

Esta é a pretendida carta de Paulo aos de Laodicéia. Resulta claro que muitas frases são tiradas de Filipenses com a introdução de Gálatas. Não há dúvida de que essa obra de algum piedoso escritor que por Colossenses se informou da existência de uma carta perdida aos de Laodicéia; e que tentou compô-la imaginando-o que diria tal carta. São poucos os que aceitariam esta antiga carta aos de Laodicéia como genuína de Paulo.

Não podemos esclarecer o mistério desta carta à Igreja de Laodicéia; a explicação mais comumente aceita é que se refere à circular que conhecemos como Efésios, mas esperemos até estudar Filemom para contemplar uma possibilidade mais romântica e atrativa.

A BÊNÇÃO FINAL

Colossenses 4:17-18

A Carta se fecha com uma urgente recomendação a Arquipo de ser fiel à missão específica que lhe foi encomendada. Talvez nunca cheguemos a saber no que consistia essa missão; pode ser que ao estudar a Carta a Filemom se faça alguma luz. No momento deixemos de lado o assunto.

Para escrever suas Cartas Paulo se valia de um secretário. Sabemos, por exemplo, que o escritor de Romanos se chamava Tércio (Romanos 16:22). Paulo estava acostumado a adicionar no final sua assinatura e suas bênçãos de punho e letra. Também aqui agiu desta maneira.

"Lembrem minhas prisões", diz. Nesta série de Cartas faz repetidas referências a suas prisões (Efésios 3:1; 4:1; 6:20; Filemom 9). Não há aqui nada de comiseração para consigo mesmo nem alguma súplica sentimental de compreensão ou simpatia. Paulo termina sua Carta aos Gálatas dizendo: "Trago em meu corpo as marcas do Senhor Jesus" (Gálatas 6:17). Naturalmente que aqui há muita carga de sentimento.

Alford comenta comovedoramente: "Quando lemos estas cadeias não deveríamos esquecer que estas se moviam sobre o papel quando

escrevia (sua assinatura). Sua mão estava encadeada à de um soldado." Mas a referência de Paulo a seus sofrimentos não são um rogo de simpatia, mas sim uma afirmação de autoridade; são a garantia de seu direito a falar. É como se dissesse: "Esta não é uma carta de alguém que não sabe o que significa o serviço de Cristo; não é uma carta de alguém que pede a outros que façam o que ele próprio não está disposto a realizar. É uma carta de alguém que sofreu e se sacrificou por Cristo. Meu próprio direito a falar é que também eu agüentei a cruz de Cristo."

E assim chega a seu termo a Carta. O final de todas as Cartas de Paulo é a graça; sempre finaliza encomendando a outros a graça que ele mesmo achou suficiente para tudo.